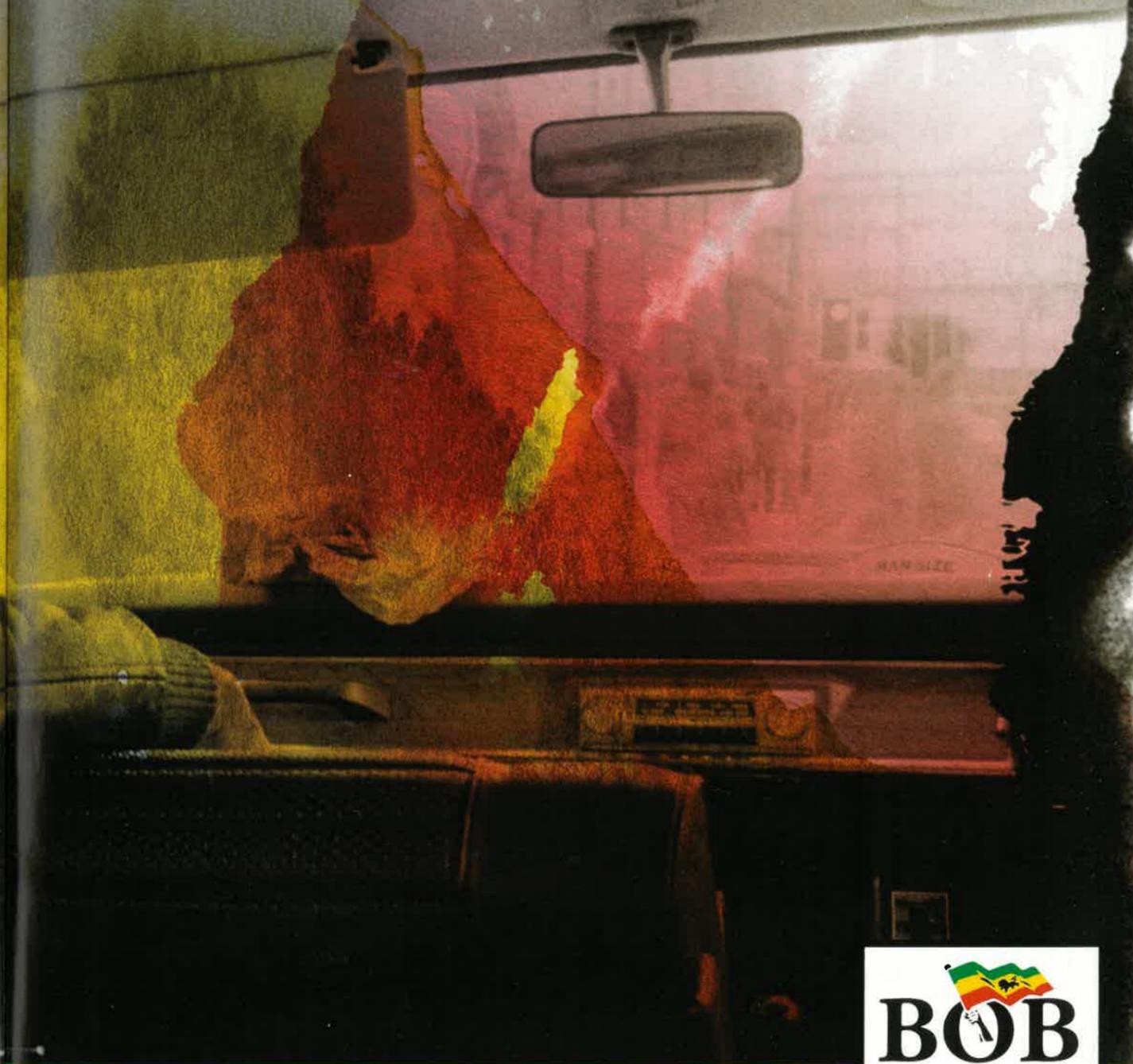


Why did we collaborate with Marley?

A coleção Bob Marley Billabong é feita com materiais reciclados e orgânicos, promovendo produtos responsáveis e com consciência ambiental. O legado em favor de um meio ambiente saudável e da conscientização da sociedade reflete os ensinamentos e exemplos deixados por Bob Marley. A Billabong se compromete com o desenvolvimento de produtos inovadores que aderem aos valores centrais da família Marley:

Autenticidade, igualdade e sustentabilidade. Ou como Bob pode colocá-lo:

"Make way for the positive day".



www.billabong.com/br
www.twitter.com/billabongbrasil
www.facebook.com/billabongbrasil

BOB MARLEY
DIREITO DE PUBLICIDADE - FIFTY SIX HOPE ROAD MUSIC LTD.
BOB MARLEY.COM

OSCAR FREIRE (SP) • MORUMBI SHOPPING (SP) • SHOPPING HIGIENÓPOLIS (SP) • SHOPPING BIRAPUERA (SP) • SHOPPING IGUAÇEMI (ALPHAVILLE) • SHOPPING SP MARKET (SP)

SHOPPING BARRA SUL (POA) • SHOPPING VITÓRIA (ES) • BARRA SHOPPING (RJ) • PATIO SAVASSI (BH) • SALVADOR SHOPPING (BA) • SHOPPING BOURBON (NOVO HAMBURGO)



RVCA

DINO ADRIAN

VA

ALEX KNOST
DANIEL JONES
DANNY FULLER
DINO ADRIAN
FORD ARCHBOLD
KALANI DAVID
MAKUA ROTHMAN

THE BALANCE OF OPPOSITES
RVCA.COM

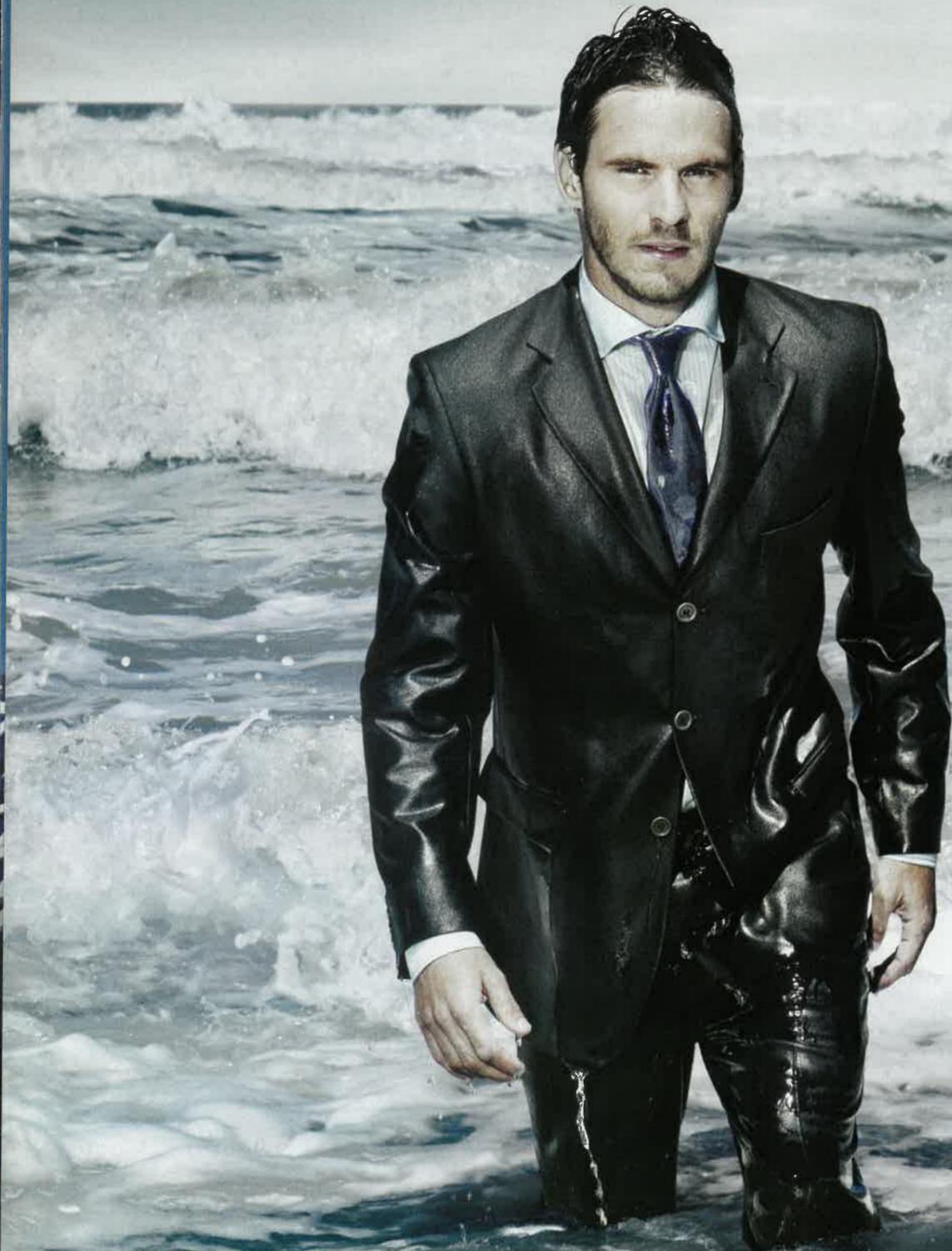


VA

VOCÊ PODE FICAR NA
DÚVIDA SE O MELHOR MAR
É PIPELINE, SUNSET
OU WAIMEA. MAS QUANDO
CHEGAR NA AREIA
ACABAM AS DÚVIDAS DE
QUAL O MELHOR CHINELO:
NOVO RIDER.

 rider





PETROBRASNASONDAS.COM.BR

HORÁRIOS,
ROTINA,
PRESSÃO,
ESTRESSE.

SURFE
É UM DESAFIO
IGUAL
A QUALQUER
PROFISSÃO.



O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de
Minas e Energia



PETROBRAS. PATROCINADORA DO SURFE BRASILEIRO DESDE 2002.

MELHORE SEU DESEMPENHO



Oakley Blade. A melhor bermuda para surfar. Projetada com tecnologia de dupla camada. A camada interna apresenta uma bermuda de compressão de alta performance que reduz a fadiga muscular e oferece verdadeiro conforto durante as longas sessões de surf. Isso se traduz em uma recuperação mais rápida dos músculos doloridos e nenhum risco de assaduras. Ao mesmo tempo, a camada externa lhe dá flexibilidade inigualável, repelência da água e um peso quase inexistente. Oakley Blade faz exatamente o que você faz na água. **REAJA MAIS RÁPIDO. RECUPERE-SE MELHOR.** PRO SURFER: ADRIANO DE SOUZA.




OAKLEY
OAKLEY.COM/BLADE



I DESAFIO DE STAND UP PADDLE

Praia
SKOL

APRESENTA

ALMASURF MORMAII
INTERNATIONAL



**STAND UP
WORLD TOUR**

DE 22 A 30 DE OUTUBRO - 2011
MARESIAS - SÃO PAULO - BRASIL



PATROCÍNIO

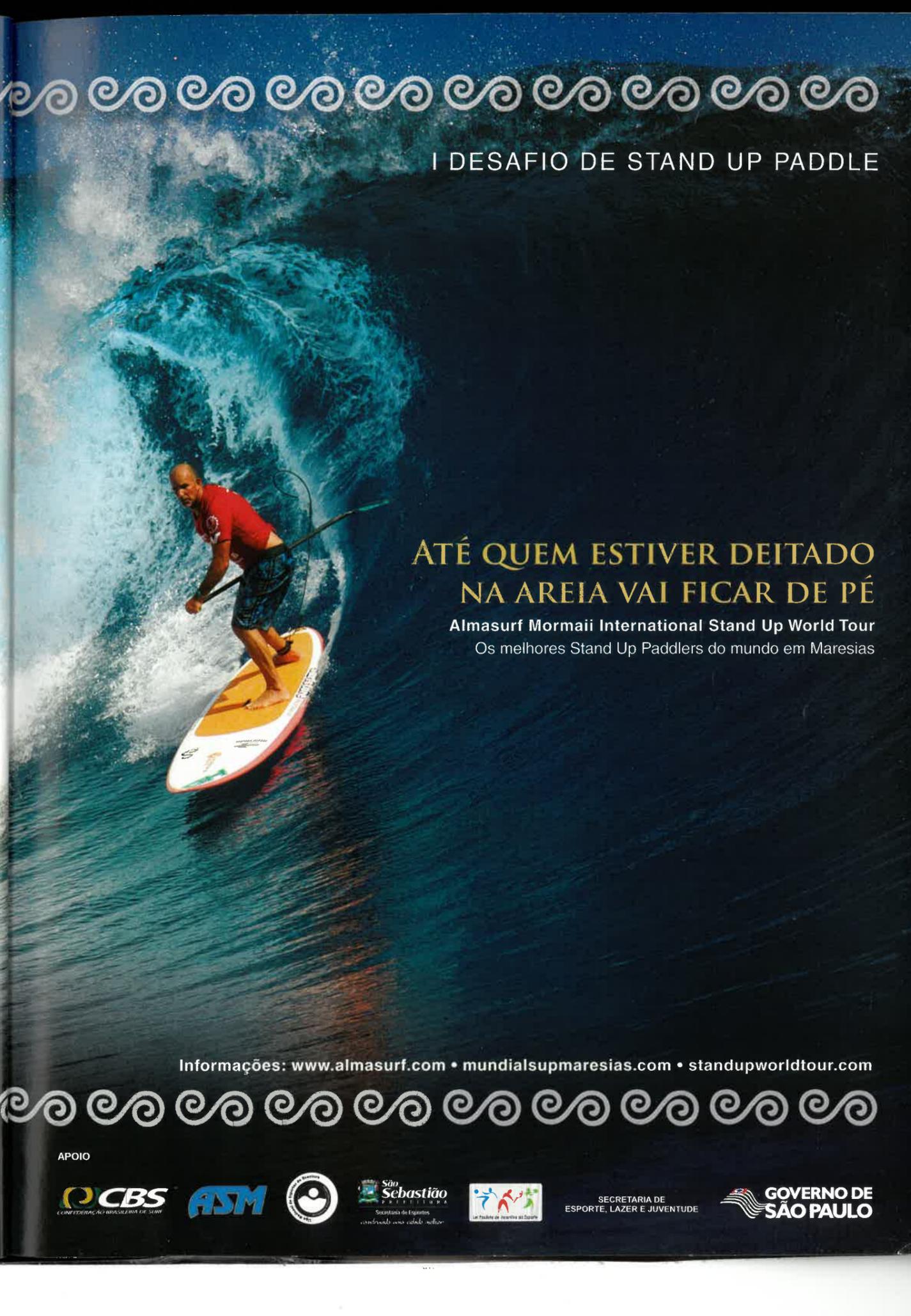
almasurf  **mormaii**

POWERED BY



APOIO INSTITUCIONAL

PATROCÍNIO DE MÍDIA



**ATÉ QUEM ESTIVER DEITADO
NA AREIA VAI FICAR DE PÉ**

Almasurf Mormaii International Stand Up World Tour
Os melhores Stand Up Paddlers do mundo em Maresias

Informações: www.almasurf.com • mundialsupmaresias.com • standupworldtour.com

APOIO





Destino
Azul



foto: James Thisted



G395AB/8A



G395AB/8B



G395AB/8P

mormati



WIFI TECH



STRETCH THE LIMITS.

THE WIFI TECH BOARDSHORT'S A.P.C. SYSTEM GIVES YOU THE FLEX AND STRETCH WHERE AND WHEN IT COUNTS.



WWW.FOXHEAD.COM.BR

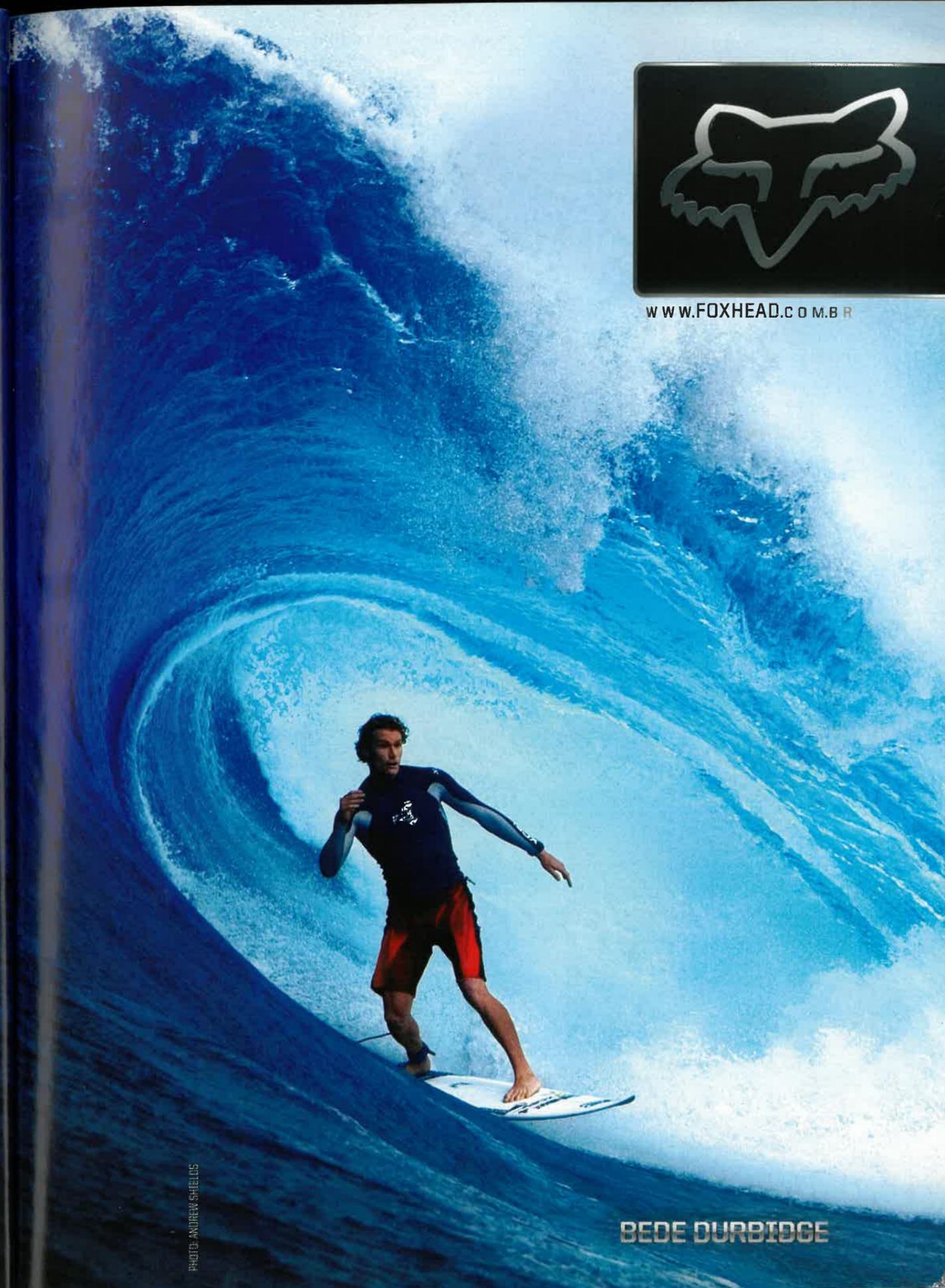


PHOTO: ANDREW SHIELDS

BEDE DURBIDGE

SPRING 2011

LIVE ROOTS

Bintang®



bintang.com.br | facebook.com/bintangrootsandculture



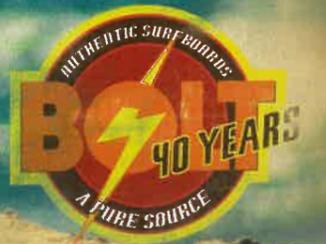
Roots and Culture

Rio Design Barra - RJ 21 3329-0099 . Búzios - RJ 22 2623-2067 . Praia do Forte - BA 71 3676-0237 . Franquias e Multimarcas: bintang@bintang.com.br

Lightning Bolt.

A PURE SOURCE SINCE 1971
lightningboltbrazil@lightningbolt-usa.com

*Pipeline,
Hawaii*



Chek: João Machado | Riders: Nicolas Pinot, Dustin Franks, Jord Forman
www.lightningbolt-usa.com | www.lightningbolt.eu.com

EDITORIAL

por
Romeu
Andreatta

MUDE SUA VIDA PENSE DIFERENTE ANDE SOBRE A ÁGUA

Estamos vivendo tempos dinâmicos, subversivos em termos de mudanças. Hoje, enquanto escrevo este pensamento, já vi o rosto ensanguentado do Kadafi massacrado pelo povo líbio, e o estádio do Corinthians ser oficialmente escolhido para sediar a abertura da Copa do Mundo de Futebol no Brasil. Nesta semana, o Mineiro derrotou Kelly numa final na Europa e fez história.

E agora estamos iniciando o Alma Surf Mormaii Stand Up International World Tour em Maresias – São Sebastião. Quem diria que estaríamos com a Skol nos patrocinando no stand up paddle... Pensar em tudo isso há um ano seria subversivo. Mudamos nossa

vida, pensamos diferente e maravilhosamente aprendemos a andar na água: stand up. Nossa visão ao longo desta primeira década sempre foi ampla e corajosa, com foco em buscar uma vida única, maravilhosa, experimental, que é meu objetivo central, depois vêm os formatos de sobrevivência...

Tenho feito isso a vida toda, e a minha missão é compartilhar essa maneira de viver com o maior número de pessoas possível. Hoje, o número de pessoas com quem temos interagido através de nossas mídias, eventos e produtos é revolucionário sob a expectativa que temos com relação a cada uma das áreas em que construímos atuação. Falando em compartilhar, temos hoje mais

Estamos vivendo tempos dinâmicos, subversivos em termos de mudanças. Queremos mais, sempre mais, somos surfistas, experimentalistas e hedonistas. Mude, pense e ande diferente.

Como sempre dizia Albert Einstein: "Quando fazemos as mesmas coisas da mesma maneira, temos sempre os mesmos resultados". Pense, medite, surfe e ame.

opções e acessibilidade que sequer podíamos imaginar há pouquíssimo tempo com o board sport que é o stand up. Este esporte é para todos e todas e pode ser praticado em lagos, rios, represas, no mar e nas ondas: totalmente revolucionário. Essa edição é uma fotografia da nossa maneira sempre diferente de pensar e viver.

Terry Fitzgerald, meu ídolo maior, nos honra com uma entrevista exclusiva, em que divide suas ideias e lifestyle, e mostra o porquê de ele ser o eterno Sultão. As mulheres nos ensinam

estilo, charme e sensibilidade, junto com o ultimate beach house design do Kauai e suas casas. Mais stand up na Patagônia, arte nas areias de Mundaka e do mundo, e muito mais, expressam com competência our mind and heart. Queremos mais, sempre mais, somos surfistas, experimentalistas

e hedonistas. Mude, pense e ande diferente. Como sempre dizia Albert Einstein: "Quando fazemos as mesmas coisas da mesma maneira, temos sempre os mesmos resultados". Pense, medite, surfe e ame.

Aloha
Romeu

NIXON



Shatter convention with your own invention. The new Apollo.



Onda encontrar: (11) 3618-8600



26 **SPORT SURF** *Agora! Que momento é esse?* / **Reinaldo 'Dragão' Andraus**

32 **UM ANO SEM ANDY** *Rest In Peace, Andy Irons* / **Brian Biemann**

40 **AS LINHAS DE JIM DENEVAN** *Nas areias do mundo* / **Patrick Trefz**

48 **STAND UP NA PATAGÔNIA** *Expedição na pureza do mundo* / **Carol Freitas**

54 **ELAS POR... ELAS** *Na contramão com uma surfista* / **Alexandra Iarussi**

64 **ISLÂNDIA** *Surf no sol da meia noite* / **Lea Brassy e Laurent Masurel**

74 **TERRY FITZGERALD** *Bota Sultão nisso! Existem surfistas e... Surfistas!* / **Dragão**

84 **GRAJAGAN: SYLVIO MANCUSI E PAULO ZULU** *Speedies em dose dupla* / **Mauka**

90 **BELOVED TAHITI** *Teahupo'o em lua de mel* / **Pedro Scooby e Brian Biemann**

96 **KAUAI HOUSE** *Arquitetura Moderna no Hawaii* / **Jay Vanos Architects**

104 **EARTHWAVE: A ONDA GLOBAL** *No Festival de Surf Ecovias* / **Rico de Souza**

108 **OS MELHORES DA PRAIA '11** *Quem são os melhores?* / **Rico de Souza**

110 **OS MELHORES DA PRAIA SÃO OS SURFISTAS** *Aloha surfistas!* / **Taiu Bueno**

№65 out/nov 2011
 Improve Produção e Curadoria Editorial SA
 Maria Dias Carvalho
 GEO Eventos SA

Publisher: Romeu Andreatta Filho
Diretor Editorial: Adriano Vasconcellos
Editor convidado USA: Ben Marcus
Direção de Arte: Marcelo Banlaky
Editores Assistentes: Alexandra Iarussi
Redação: Paula Sgarbi
Revisão: Francisco José M. Couto

Eventos: Patricia Mekitarian
Produção: Vicente Menta
Assistente de Produção: André Arruda

Colaboradores
Textos
 Carol Freitas
 Jay Vanos
 Lea Brassy
 Patrick Trefz
 Pedro Scooby
 Reinaldo Andraus
 Rico de Souza
 Sylvio Mancusi
 Taiu Bueno

Fotografias:
 Brian Biemann
 Carol Freitas
 Gustavo Oliveira
 Jay Vanos
 Jim Russi
 João Tourna
 Kirstin Scholtz
 Laurent Masurel
 Maria Cerda
 Mirko
 Nick LaVecchia
 Patrick Trefz
 Sean Rowland
 Steve Robertson
 Tiago Melo

Arte Elas: Celine Chat
Ilustração Elas: Roxy

Comercial: Floriano Sales
Tráfego: João Carlos Ferreira de Araújo
Serviço: Dóricas Rodrigues Xavier

Financeiro: Floriano Sales

Distribuição: Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações
Impressão: IBEP Gráfica

Jornalista Responsável:
 Adriano Vasconcellos MTB 45720

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência: Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
 Morumbi - São Paulo - SP - 05716-060
 Fone: 55 (11) 3744-3711
Para assinar: (11) 3744-3711
Tiragem desta edição: 25.000 exemplares

Capa: Celine Chat - Fresque Rose



www.almasurf.com

PERVONZIPPERVONZIPPER
 IS YOURS!
 IF YOU WANT IT

VONZIPPER
 VONZIPPER.COM GET UPS FOR YOUR GET DOWN!



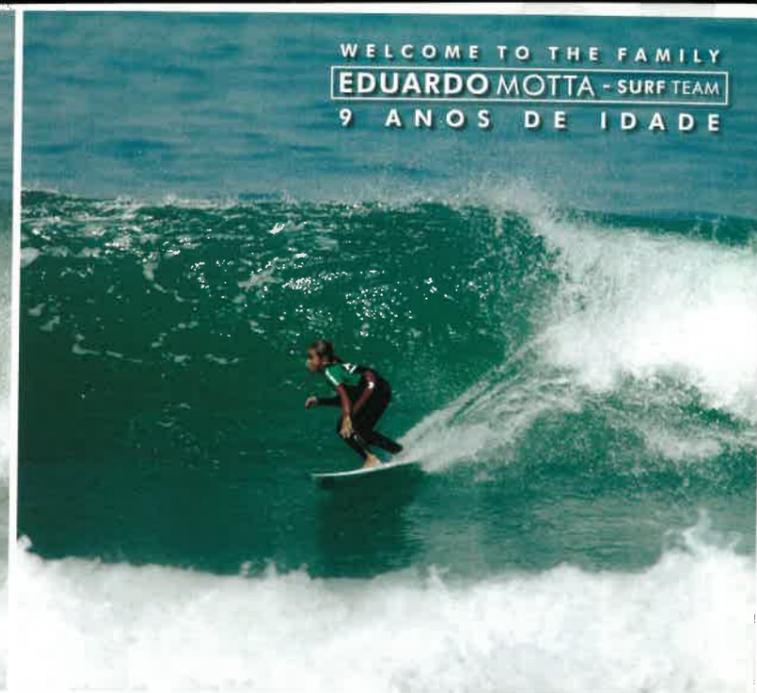


SANDRO DIAS - SKATE TEAM
6X WORLD CHAMPION

HD HAWAIIAN DREAMS



CAMPEÃO GARUJAENSE
CIRCUITO RIP CURL 2011



WELCOME TO THE FAMILY
EDUARDO MOTTA - SURF TEAM
9 ANOS DE IDADE



www.hdsurf.com.br
facebook.com/hdsports
twitter.com/hawaiidreams

Adriano de Souza empolga por sua vibração e amadurecimento a passos largos. A vitória em Portugal foi a segunda da temporada. O pico foi dele... E vem mais por aí. Na foto, Mineiro levanta os braços e comemora a vitória histórica contra Kelly Slater em Peniche

SURF SPORT

por Reinaldo "Dragão" Andraus

AGORA QUE MOMENTO É ESSE?

É com imenso prazer que volto a me debruçar sobre o momento atual do surf competitivo, o esporte surf em seu nível mais elevado.

Esse é o momento

Reta final da temporada 2011 na ASP. Da Europa rumamos direto para o Hawaii, via Frisco, outro campeonato que tenho 90% de certeza que deverá surpreender pela qualidade e potência das ondas. Como ocorreu com Nova York. Aliás, a etapa de Nova York, mais especificamente de Long Island, foi instrumental para dar uma face à verdadeira revolução que o surf contemporâneo está enfrentando.

Vários fatores devem ser considerados neste atual momento, e como diria nosso velho amigo Jack: "Vamos por partes..." A cada parágrafo jogarei uma reflexão diferente. Não haverá pé nem cabeça, mas sim um quebra-cabeça de fragmentos de ideias que apontam para um destino inevitável e iminente – o futuro do surf competitivo mundial, agora influenciado pelo skate, continuará cada vez mais empolgante. Mas, sem Kelly, como poderá ser isso?

Voltemos a NY e a uma das etapas que Slater utilizou para pavimentar sua trajetória ao título número 11. Quatro finais, duas vitórias. Mais que nos tubos de Teahupoo ou de Portugal, mais que as desgarradas de Trestles, o único 10 do Quiksilver Pro New York, tomado numa onda de uma simples manobra, mostra que o "titio" careca está para brincadeira. Aliás, isso que é o surf. Nenhum dos moleques desafiantes fez manobra (aérea) igual no evento. E foram várias, pirotécnicas, altas ondas em Nova York! Que loucura! Público em peso, campeonato em metrópole. Esse é o caminho certo ou errado para o Dream Tour? As ondas de sonho realmente não estão nem em Nova York, nem em São Francisco e nem no Rio de Janeiro. Mas esses são eventos válidos para aproximar um megapúblico dos astros do surf. E, incrivelmente, pode acontecer de quebrarem altas ondas. Vai acontecer no Rio, um belo dia. O Billabong Pro em Teahupoo foi um espetáculo. As maiores ondas da história recente do WT e com direito a um dia de overdose para os WTers. Kelly e Owen Wright na final. Um festival de tubos. Hail aos mais atirados. Foram muitos. O mar exigia insanidade e teve uma boa dose dela.

Tiro o chapéu para a coragem dos juízes de julgarem o surf da forma como estão julgando atualmente. Como toda grande revolução, ela deve ser levada um pouco além, ser bem extrema mesmo, para depois ser calibrada. A fronteira da onda física virou passado, e se você ficar só nela será um surfista ultrapassado.

Mas na Grande Maçã, nos beach breaks do Velho Mundo e na Califórnia dourada o surf também esteve insano, e daí vem essa grande transformação que muda a face do julgamento do surf moderno.

A troca da guarda nunca esteve tão eminente. Tiro o chapéu para a coragem dos juízes de julgarem o surf da forma como estão julgando atualmente. Como toda grande revolução, ela deve ser levada um pouco além, ser bem extrema mesmo, para depois ser calibrada. A fronteira da onda física virou passado, e se você ficar só nela será um surfista ultrapassado. Quem não voa, não terá mais lugar na elite da ASP. Mas o surf de borda enfiada na água, com fé, não vai ficar fora desse novo baralho.



EVOKE.COM.BR

Gabriel Medina convence a todos de que está mais vivo do que nunca para dimensionar o surf a níveis estratosféricos. Que digam Julian Wilson, Knox e Slater... O brasileiro vem provocando um fenômeno que era exclusivo dos gringos. A praia fica aglomerada de público para ver suas performances. Aqui, comemora a brilhante vitória na França. Parabéns, moleque!

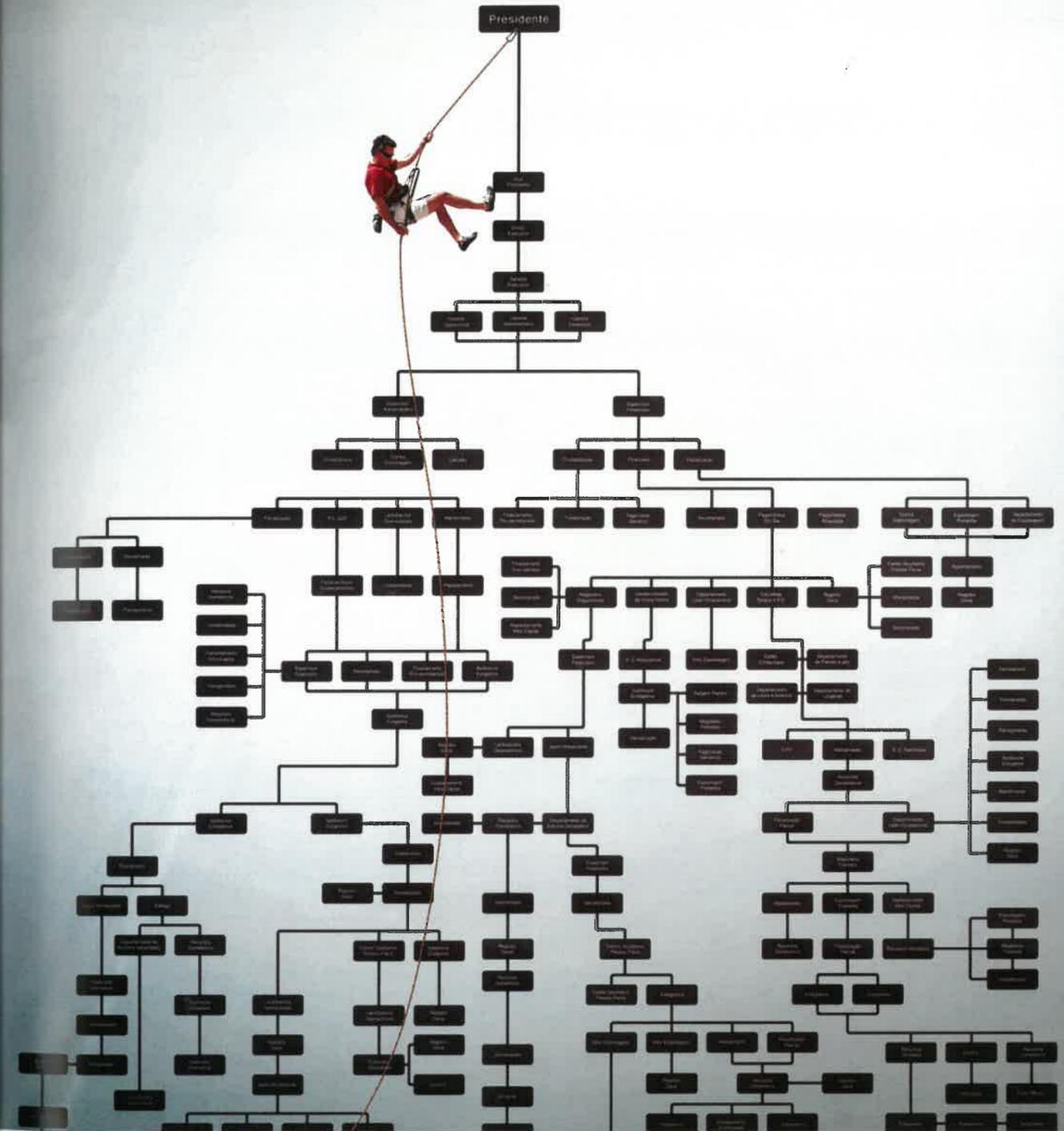
BRAZILIAN PUSH PRESSÃO BRASILEIRA

Sete surfistas em 34, mais de 20% da elite, isso é quase tão contundente quanto o que fizemos em 2001, há dez anos, com 11 dos Top 45 no WCT. A chance de um campeão mundial brasileiro está bem mais cristalina. O respeito que Gabriel Medina, hoje DISPARADO o maior novo talento do surf mundial, angariou... É demais! Também pudera, 17 anos, e partiu como um rojão para os Top 16 do World Ranking, vencendo e convencendo. A França parece ter virado território dele. São quatro vitórias recentes desde o King of the Groms, passando pela dupla (júnior e pro) em Lacanau, no meio deste ano. E Medina vai arrebentar nas grandes, deixa o moleque amadurecer. A personalidade dele, nas ondas de bom tamanho, no Super Surf de Imbituba, foi impressionante. Deem ao garoto dois ou três anos de Pipe, Teahupoo e das linhas de Bells e J-Bay, e quem vai segurá-lo? Ah, tem gente boa ali. Julian Wilson está acertando o passo competitivo e será letal. Mas não foi páreo para Medina no embate da final empolgante em águas francesas. Jordy é um ano mais novo que Adriano Mineirinho. Owen, sem comentários, contender bravo. Europeus, africanos, asiáticos e latinos, talentos irão pipocar... John John Florence e Kolohe Andino... Ian Gentil. Só que agora, neste momento, a pegada brasileira está mais forte do que nunca. Parece que finalmente acertamos na receita, e veio uma geração não com um, ou dois, de dupla dinâmica, mas com um batalhão de alta competência e que aprendeu o caminho das pedras com os mais velhos. Agora liderados pelo ainda jovem Adriano de Souza (24).

O que não podemos é deixar a fonte parar de jorrar novos talentos, e, com a sabedoria que agora temos, devemos lhes mostrar o caminho. Fico admirado e extasiado com esse rumo que o surf moderno tem em mira, com a velocidade com que este ex-surf de expression sessions tomou conta das baterias corriqueiras da ASP e do BSP. E se alguém tem alguma ilusão de que este passo frenético de mudança vai dar uma trégua, ledo engano. Vem mais e mais por aí. E os surfistas de ponta farão estas "novas" manobras com uma precisão e um grau de acerto "medínico". Não há volta. O ritmo que Kelly Slater ditou até agora será acelerado. Se alguém duvida, que atire (ou tire) a primeira quilha. Venho de um tempo em que havia uma só, não existiam pranchinhas, nem cordinhas. Senti na pele a "Shortboard Revolution". Sou da primeira geração do Guarujá, ainda nos anos 60, e confesso que nunca vi a evolução do surf ser tão drástica. Venho de um tempo em que nem 360 eram desferidos e o floater ainda seria inventado. Acompanhei cada passo dessa evolução, mais profundamente a partir de 86, quando mergulhei de cabeça no mundo da imprensa do surf. Inclusive, acho que talvez o único momento dessa história em que o surf ficou um pouco "paralisado" creio que foi no meio dos anos 80, e que TC & TC (Carroll e Curren), os ases daquela década, me perdoem. Até que um tal de Christian Fletcher estampou um aéreo na capa da Surfer, se não me falha a memória isso foi em 89 e a onda era em Trestles. E demorou para os juízes incorporarem isso. E os surfistas incluírem esses movimentos no seu repertório corriqueiro. Pottz (o melhor locutor atual da internet) precisou quebrar esse paradigma.

Depois disso, logo em seguida, surgiu Kelly, e o surf não parou mais de dar saltos quânticos de arrepio. Kerr ups, rodeos, clowns, slobbs, grabs, no grabs e supermen... Irons, Owens e Souzas... Occys e Sunnys... Fannings e Parkos... E Slater se mantém impassível no topo. O maior fenômeno de todos os esportes. E nós, aqui, meros mortais, pelo menos temos a chance de bater palmas e vibrar com KS 11, quiçá 12... Só que agora surgiu um rival. Nosso Mineirinho, já havia mostrado em Porto Rico (2010), provou de forma enfática na final do Rip Curl pro Portugal 2011 que não vai se intimidar com o astro. Respeitar, sim. Se intimidar, jamais!

A chance de um campeão mundial brasileiro está bem mais cristalina. O respeito que Gabriel Medina, hoje DISPARADO o maior novo talento do surf mundial... angariou... É demais! Também, pudera, 17 anos, e partiu como um rojão para os Top 16, vencendo e convencendo. E vai arrebentar nas grandes, deixa o moleque amadurecer. Parece que finalmente acertamos na receita. Fico extasiado com esse rumo que o surf moderno tem em mira. Os surfistas de ponta farão estas "novas" manobras com uma precisão e um grau de acerto "medínico". Não há volta...



Diferente de algumas reuniões, a vida não é interminável. Divirta-se.



Suspensão elevada, rodas de liga leve de série e visual off-road



Airbag duplo e freios ABS de série



Câmbio automatizado I-Motion



Ar-condicionado e alarme de série

Novo Space Cross. Cabe a aventura que você imaginar.



Das Auto.

Cinto de segurança salva vidas.

Fotos meramente ilustrativas. Alguns itens mostrados ou mencionados são acessórios, opcionais ou referem-se a versões específicas.

Um ano sem Andy

HOMENAGEM A ANDY IRONS

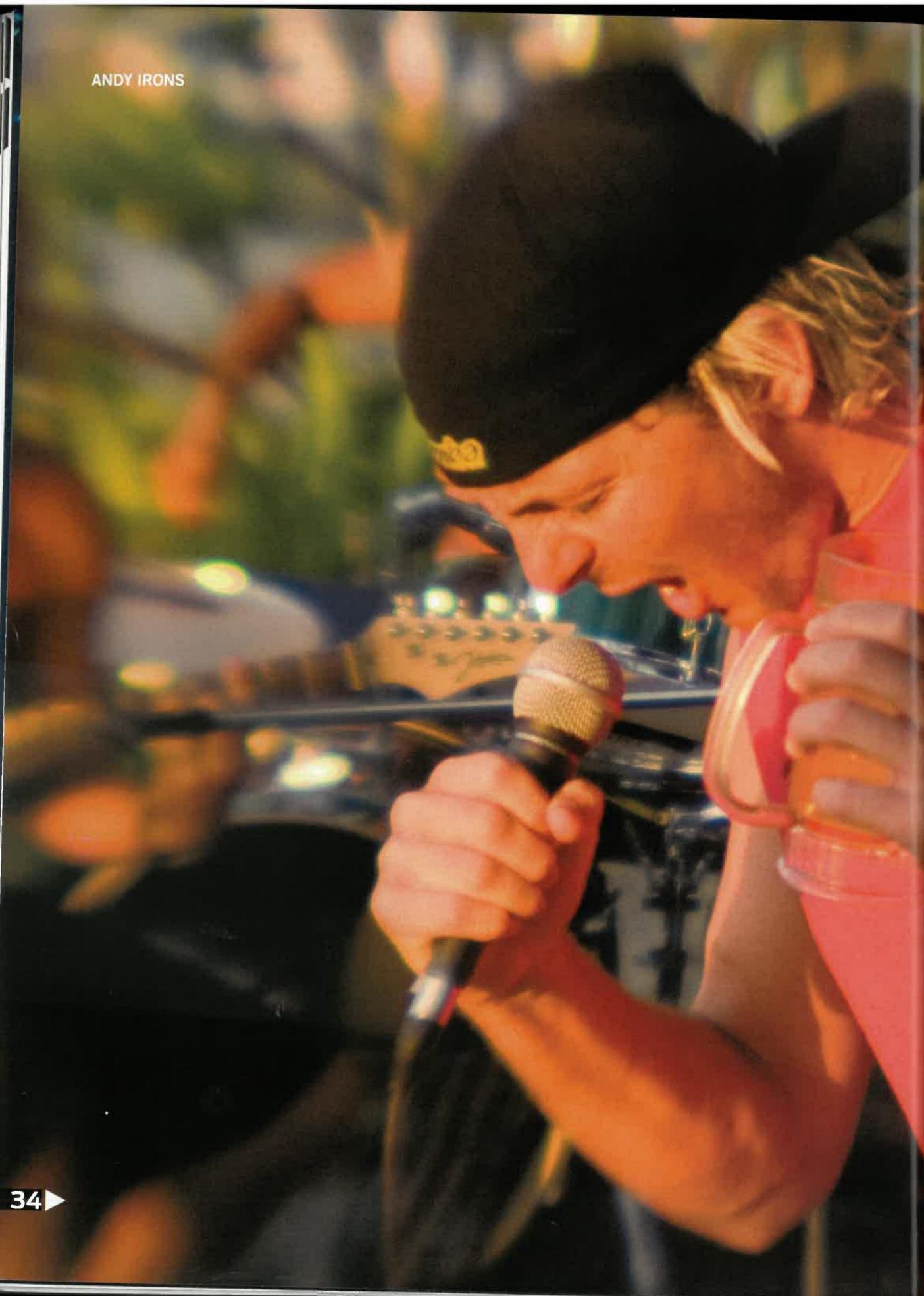
texto Redação Alma Surf
fotos Brian Biemann

No dia 2 de novembro de 2010, o mundo do surf perdeu um de seus maiores e mais queridos ícones. Aos 32 anos, o havaiano Andy Irons deixou para trás uma legião de fãs, amigos, família... Deixou o plano físico para orbitar outro: o da eternidade. Um ano se passou. E para celebrar a vida de um dos mais apaixonados e apaixonantes surfistas que o esporte já teve, a ALMA SURF preparou um especial com imagens do fotógrafo Brian Biemann – que acompanhou Andy durante anos – e declarações do próprio Biemann e dos amigos próximos de Andy, os surfistas Kai Garcia, e Freddy Patacchia.

Rest In Peace, Andy Irons



"Lembro de vê-lo surfar muito novo, ainda criança, em Piñetrees. Você podia ver que ele tinha algo de especial. Tão pequeno e tão talentoso. O surf era diferente para ele. Não era algo mecânico. Era um Picasso na água. Einstein. Que seja. Ele olhava para o oceano de maneira diferente. Eu o amo." – Kai Garcia; havaiano, amigo da família Irons, e líder dos black trunks Wolfpak. Rest In Peace, Andy Irons

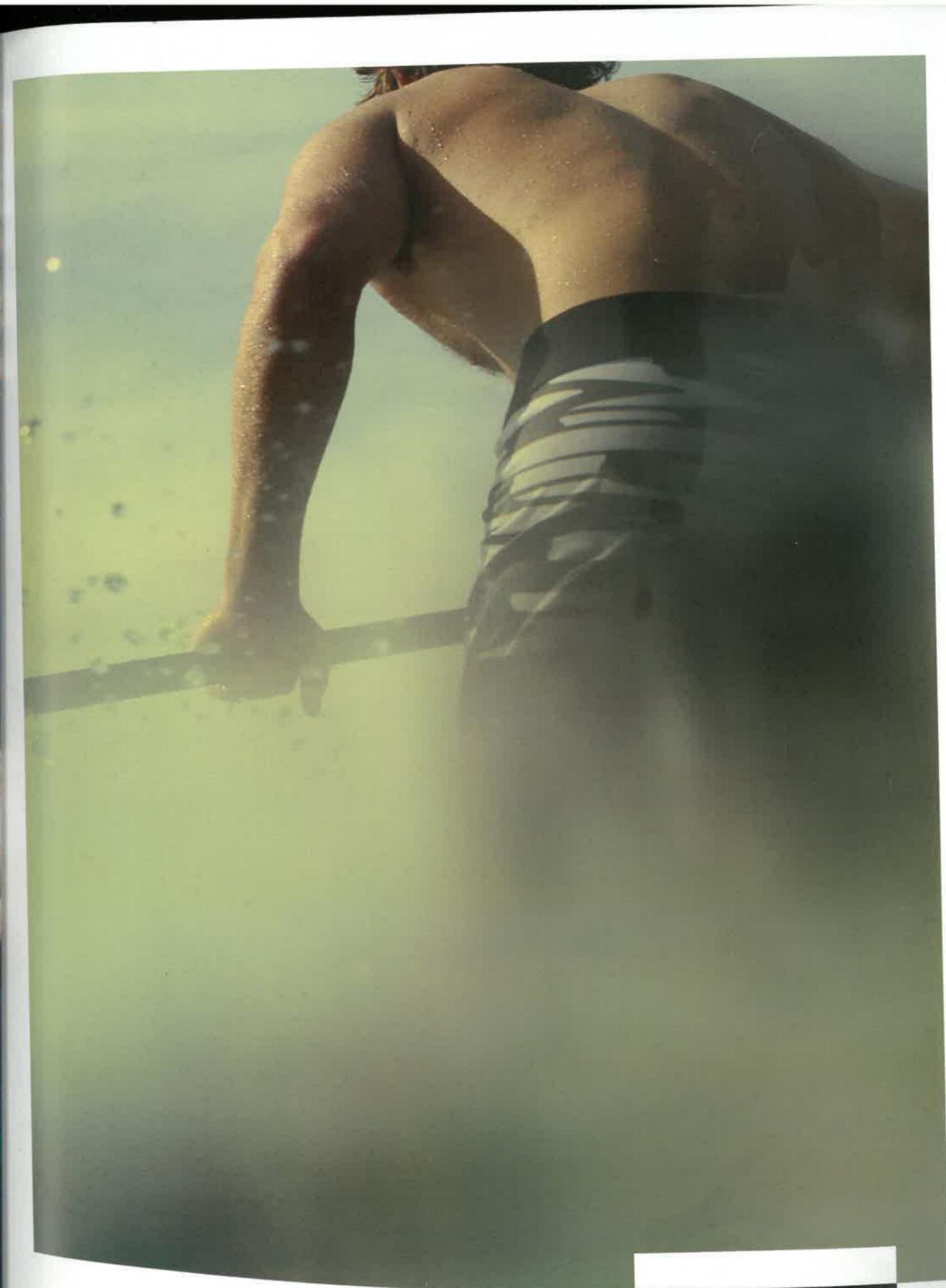


“Vou me lembrar para sempre do Andy que me fazia sorrir. Das piadas, e de como era divertido viajar com ele; do campeão que sempre tinha tempo para seus fãs e não tinha medo de encrencas - quando se garantia. Eu ainda sorrio toda vez que penso nele. Ninguém no mundo do surf tocou tanto as pessoas quanto ele, e eu ainda sinto ele comigo. Andy estava lá, naquele dia do tow-in épico em Teahupoo, no Tahiti, e todos próximos a ele sentiram o mesmo; ele manteve todos vivos. Deus o abençoe, Andy. Nós o veremos algum dia, você apenas pegou um trem mais cedo, foi só isso.” – Brian Bielmann, lendário fotógrafo baseado em Haleiwa, um dos que mais retratou conceitualmente Andy Irons

ANDY IRONS



“Ele acendia. Bastava ele aparecer em qualquer ambiente que todos queriam alguma coisa. Todos, de todos os cantos do mundo, amavam-no.” – Freddy Patacchia: surfista havaiano integrante do ASP World Tour, por muitos anos parceiro de quarto de Andy. Andy Irons: descanse em paz, amigo! 🌊





Atleta: Emerson Piai
facebook/southtosouth

southtosouth.com.br

Foto: Aleko



liquidBOX

SOUTH
to **south**

As linhas de Jim Denevan

por Patrick Trefz

NAS AREIAS DO MUNDO

Um rastelo e um pedaço de madeira; é isso que o artista surfista Jim Denevan precisa para dar vida à sua arte – feita em superfícies de areia, na maioria das vezes na praia, terra ou gelo. Surfista habilidoso e chef autodidata, ele leva horas para finalizar os desenhos que a força dos ventos e das marés – do tempo – destrói em questão de segundos. Suas formas são tão orgânicas quanto efêmeras. E talvez por isso, tão fascinantes aos olhos

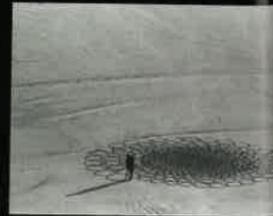
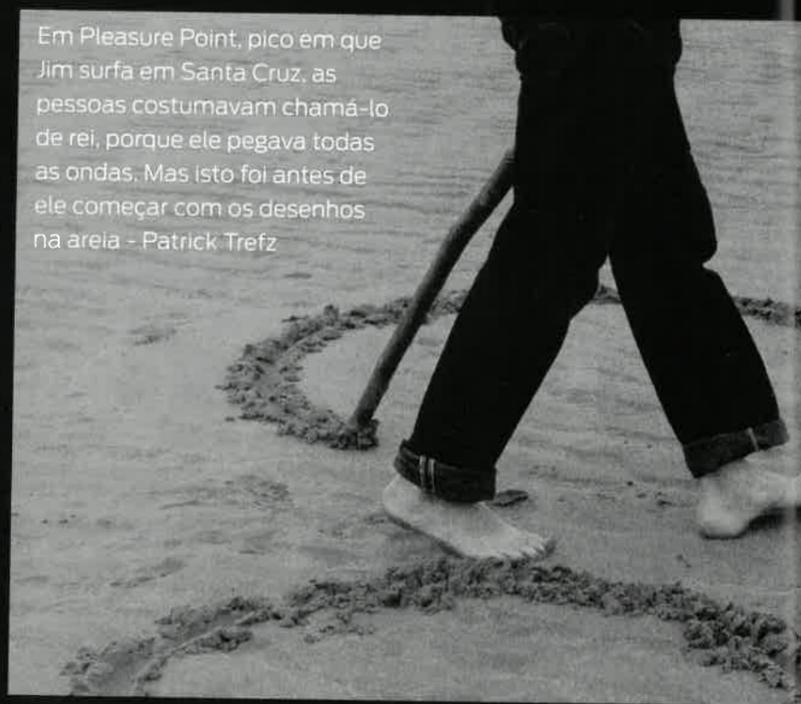
AS LINHAS DE JIM

Círculos deixados nas areias de Big Sur, Califórnia, Plasket Creek



Jim Denevan tem 50 anos. É natural de Santa Cruz, Califórnia. Chef autodidata e surfista talentoso, Jim é um dos melhores artistas de areia do mundo. Nas últimas duas décadas, ele realizou incontáveis desenhos pelas praias da Califórnia e do resto do globo - formas gigantescas que para a surpresa e fascínio de qualquer mortal, são executadas a mão livre. Suas esculturas já foram tema de exposições em museus como o Yerba Buena Center for The Arts, em São Francisco, Califórnia; o MOMA, em Nova York; a Bienal de Vancouver, no Canadá, entre outros museus e galerias que são referência mundial. No meio impresso, dezenas de revistas - como a *The New York Times Magazine* e a francesa *Arts Magazine* - estamparam suas artes em suas páginas. Mas sua arte ultrapassa as fronteiras físicas. Não é nas paredes de galerias nem nas páginas de revistas. É na natureza que elas atingem a sua plenitude - e também seu inevitável fim. Conheci Jim Denevan através de amigos em comum. Já sabia de suas habilidades como chef; não era incomum encontrá-lo em mercados locais comprando produtos frescos para seu restaurante. Foi quando descobri seus desenhos de areia. Fiquei imediatamente intrigado.

Em Pleasure Point, pico em que Jim surfa em Santa Cruz, as pessoas costumavam chamá-lo de rei, porque ele pegava todas as ondas. Mas isto foi antes de ele começar com os desenhos na areia - Patrick Trefz



GENUÍNO: próprio, verdadeiro, natural, puro, sem mistura ou alteração

OS MELHORES USAM GENUÍNO FCS, PROCURE PELO LOGO



Kelly Slater

AS LINHAS DE JIM

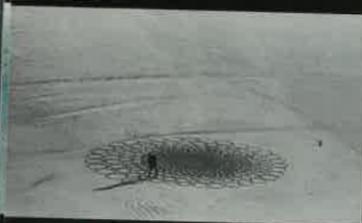
Não poderia ser diferente. Denevan cria surpreendentes formas geométricas e espirais que chegam a cobrir quilômetros de faixa de areia. Já desenhou centenas delas, a maioria pelas praias ao norte da Califórnia. Em média, cada escultura é realizada em cinco horas, mas bastam poucos minutos para que elas sejam rapidamente apagadas com a subida da maré ou os ventos - agentes da imutável força da natureza. Foi no deserto de Black Rock, Nevada, que ele criou o que hoje é considerada a maior obra de arte do mundo. Um desenho composto por inacabáveis círculos, como largura de cinco quilômetros, que ele fez com a ajuda de um GPS e as rodas de um carro. "Amo a ideia de efemeridade contida em seu trabalho. É algo frágil e temporário."

É transitório, mas te deixa uma memória. Muda você", confessou minha amiga Frish Brandt, diretora da Fraenkel Gallery de São Francisco. Minha relação com Jim começou através do *The Surfer's Journal*, que precisava de algumas fotos para uma matéria. Foi natural que nos tornássemos bons amigos. Ele foi também um dos personagens do meu filme *Thread*, ao lado de ídolos do surf mundial como Taylor Knox, Joel Tudor, Tom e Joe Curren, Greg e Rusty Long, Tom Carroll, entre outros. Recentemente, fizemos uma colaboração com meu velho amigo Sancho Rodriguez, do País Basco. Ele é o diretor fundador do Surf Film Festival, tradicional festival de filmes de surf que acontece na cidade de San Sebastián, País Basco. A intenção não era apenas que Jim realizasse o grande desenho de areia na boca do rio de Mundaka - o Rio Gernika - (obra estampada na foto que abre esta matéria) mas também, de trazer o excepcional conceito de Jim para Europa e para o País Basco. Os parentes de Sancho têm uma velha adega que data do século 11. Depois de filmarmos Jim desenhando nas areias bascas, fomos premiados nas antigas construções da vinícola mágica com um belo jantar regado a muito vinho. Naquele instante, brindamos às linhas de Jim. Tão belas e fugazes. Tão eternas. Como as ondas do mar... 

www.patricktrefz.com
www.surffilmfestival.com
www.jimdenevan.com

É uma maneira muito budista de se criar, e em apenas instante, toda arte se vai. O mais fascinante é que tudo é feito à mão livre; ele desenha círculos perfeitos da sua cabeça. Deve ter alguma conexão telepática com o mundo exterior... Ninguém faz o que ele faz - Patrick Trefz

Linhas de Jim em San Mateo County, Califórnia, Tunitas Creek



LONG ISLAND



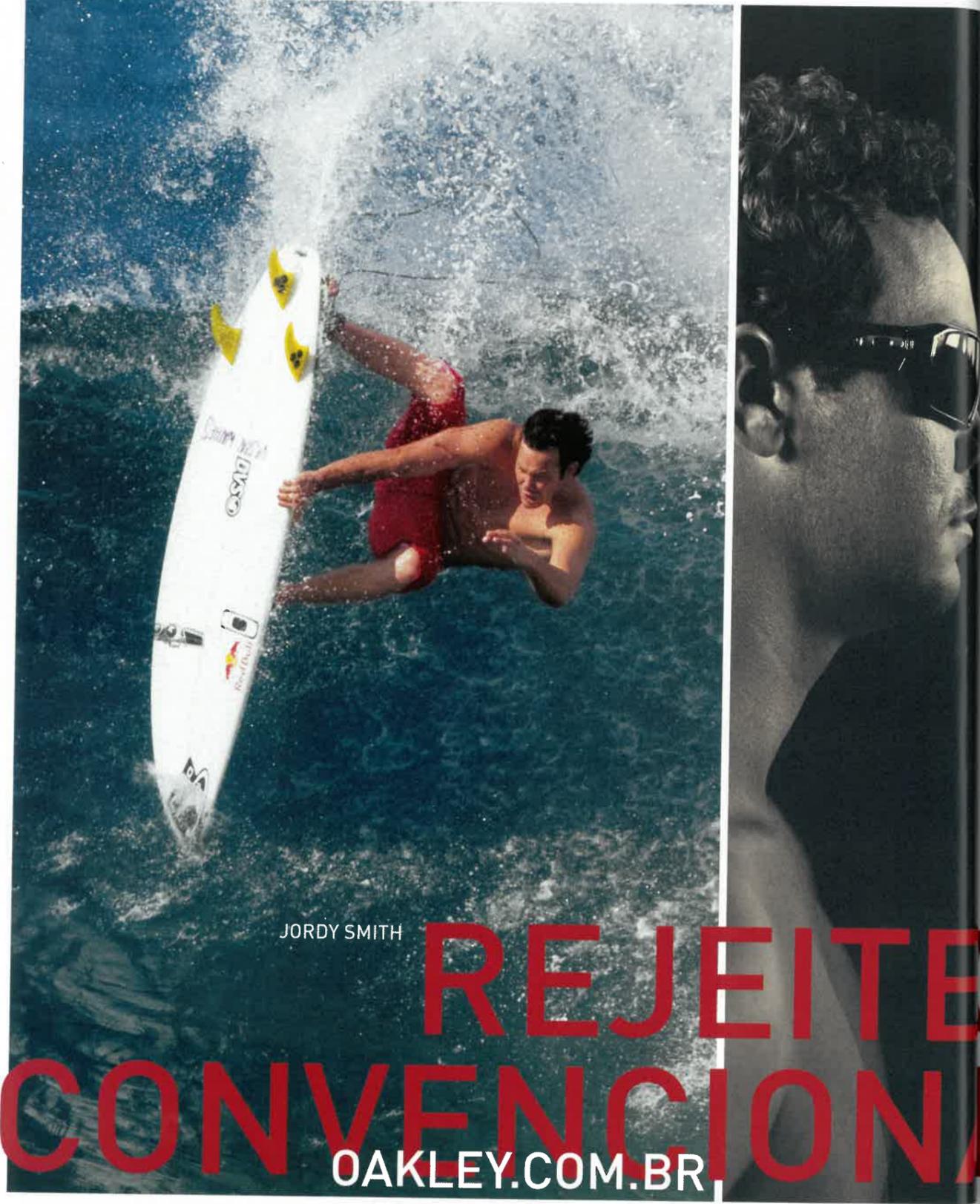
www.longisland.com.br
www.longisland.com.br/blog
www.facebook.com/longislandbr



THE ROAD OF
LONG ISLAND
EVERALDO PAIG

MAR EM FURIA
TAHITI / TEAHUPOO

©2011 Oakley, Inc.



JORDY SMITH

**REJEITED
CONVENCIÓNAL**

OAKLEY.COM.BR



JORDY SMITH COM EYEPATCH® 2



OAKLEY



SUP PATAGÔNIA

ROTAS E EXPEDIÇÃO NA PUREZA DO MUNDO

texto Carol Freitas
fotos Projeto Rotas

A expedição à Patagônia faz parte do Projeto Rotas, do qual faço parte. O lugar foi escolhido como tema para a publicação do primeiro livro dessa série, que deverá ser lançado no início de 2012. A autoria do livro está dividida harmoniosamente pelos quatro participantes da expedição: a atleta Carol Freitas, os empresários João Touma e Marco Junqueira, e o arquiteto Tiago Melo – que encararam dias puros e magníficos na branco-azulada Patagônia. A viagem é de descobrimento do lugar que se funde. Aqui nas páginas da ALMA SURF, apenas algumas das sensações dessa viagem...

TÁNDI MELO



Na foto, Carol Freitas se prepara para mais uma sessão de SUP. Abaixo, surfa uma "micro" onda criada pelo desprendimento de um grande pedaço de iceberg

"Montanhas majestosas, lago e glaciares, tudo numa só paisagem. Momento mágico, o ápice, estar num lugar daqueles fazendo SUP e ainda surfar uma marola do iceberg" - Carol Freitas

PATAGÔNIA...

Conhecer as belezas naturais desse lugar incrível foi realmente uma das experiências mais únicas e inesquecíveis que tive na vida. O mais legal é que ele fica muito perto do Brasil, no extremo sul do continente americano. Muitas vezes, na correria do dia a dia, não enxergamos mais os detalhes do que está à nossa volta. Conhecer um lugar como a Patagônia, onde a natureza exuberante parece saltar aos olhos, nos faz repensar muitas coisas, dentre elas a consciência da fragilidade humana. A Expedição Rotas, nessa que é a primeira da série, começou pela pequena cidade de El Calafate, na Argentina, precisamente no Parque Nacional Los Glaciares. O glaciário Perito Moreno é a principal atração desse parque, que cada vez mais ganha fotografias de quem procura a Patagônia, sendo uma das poucas geleiras estáveis do mundo. Linda, uma enorme geleira existente há pelo menos 30 mil anos, pelo que dizem os estudos, é uma das únicas do planeta que continua crescendo e se recompondo, na troca promovida pela ação da natureza entre desprendimento e recomposição. Através de passarelas e escadarias de madeira, é possível chegar a 200 metros de distância do paredão que se eleva mais de 50 metros acima do lago Argentino e se estende por um vale até as montanhas. De tempos em tempos, enormes blocos se desprendem e caem dentro d'água, reação natural que promove 'ondas' naquele límpido lago. Hipnotizante! Todos esses movimentos 'glaciais', com desprendimento - forte estrondo que mais parece trovão - queda, balanço, ondas e calma, impressiona.

GLACIAR PERITO MORENO

A área de Perito Moreno é a mais acessível e por isso a mais frequentada do parque. Os varadins de madeira que servem de miradouro sobre o canal de Los Témpanos nos deixa perto de uma massa de neve de 4 quilômetros de frente e 60 metros de altura. Como diz o site *Alma de Viajante*: "Um espetáculo de luz e som permanente, com autênticos tiros de canhão que antecedem o despenhar de enormes blocos de gelo e aquele mau tempo que cobre, descobre e muda a cor do gelo de branco opaco para azul irreal". Com uma área de 195 km², este glaciário é apenas o mais conhecido dos cerca de 300 que se desprendem dos 23.000 km² de gelo patagônico. O que o torna tão especial é ser ele dos raros que apresentam uma regularidade de constante recuperação. Nem o fenômeno de aquecimento global a que estamos sujeitos acabou com a regularidade de Perito Moreno, pois comprovadamente as lendárias tempestades de neve andinas parecem continuar a produzir neve suficiente para que o acúmulo de gelo não se interrompa.

PATAGÔNIA

A Patagônia é uma região geográfica que abrange a parte mais meridional da América do Sul. É a terceira maior extensão de gelo do mundo, só perdendo para as duas regiões polares. Localiza-se na Argentina e no Chile, e integra a parte sul da cordilheira dos Andes, estendendo-se rumo a sudoeste até o oceano Pacífico e, a leste, até os vales em torno do rio Colorado e Carmen de Patagones, no oceano Atlântico. A oeste, inclui parte de Valdivia e chega até o arquipélago da Terra do Fogo. A parte argentina da Patagônia inclui as províncias de Neuquén, Río Negro, Chubut e Santa Cruz, bem como a parte leste da Terra do Fogo. A Região Patagônica, uma subdivisão político-econômica argentina, inclui o sul da província de La Pampa. A parte chilena da Patagônia compreende a extremidade meridional da província de Valdivia, a região de Los Lagos, o lago Llanquihue, Chiloé, Puerto Montt e o sítio arqueológico de Monte Verde, bem como as ilhas ao sul das regiões de Aisén e Magallanes, inclusive a parte ocidental da Terra do Fogo e do cabo Horn. Nessa região está localizada a cidade mais austral do planeta, Ushuaia, conhecida como "a terra do fim do mundo".



JULIO TOUMA

SUP PATAGÔNIA

CAROL FREITAS



Patagônia views: flores, neve e montanha em perfeita harmonia

“Tive o singelo prazer de remar de stand up paddle no gelado Lago Argentino. A sensação é de êxtase e medo. Confesso que tive receio aos estrondos das geleiras, e o quão frequente eles são. Estar dentro d'água nessas horas, dá a impressão que vai vir um tsunami a qualquer momento, do silêncio ao barulho” - Carol Freitas

Tive o singelo prazer de remar de stand-up paddle no gelado lago Argentino. A sensação é de êxtase e medo. Confesso que tive receio dos estrondos das geleiras, e da sua frequência. Estar dentro d'água nessas horas dá a impressão de que vai vir um tsunami a qualquer momento, do silêncio ao barulho. Confiei na minha prancha inflável da Surftech e fui para a água. Nesse dia eu estava sem botinha, e na entrada já deu para sentir que seria uma remada diferente de qualquer outra. Apesar de ser um lago aparentemente calmo, cair naquela água gelada não seria nada agradável, e eu teria de 3 a 5 minutos para voltar à margem, já que não estava com roupa de borracha apropriada para aquelas circunstâncias. Graças a Deus, deu tudo certo. No dia seguinte, pegamos a estrada rumo ao Chile, mais precisamente à cidade de Puerto Natales, o povoado mais próximo do nosso próximo destino, o Parque Nacional Torres del Paine, na Patagônia chilena. Este parque leva esse nome por causa das gigantescas montanhas de granito, modeladas pela força do gelo glacial. Está localizado entre o maciço da cordilheira dos Andes e a estepe Patagônica, no Chile. Torres del Paine foi declarado reserva da biosfera em 1978 pela Unesco. Foi aos pés dessas lindas montanhas de mais de 20 milhões de anos que fiz a minha segunda remada de SUP, dessa vez com temperatura um pouco mais agradável. No caminho até a entrada do parque, a paisagem é deslumbrante, as montanhas Del Paine são o retrato da natureza extrema em seu estado mais puro. A cada curva, ela se transforma. A vontade é de seguir a trilha para chegar o mais perto possível do que a mãe natureza esculpiu com tanta magnitude. Dez minutos depois, na caminhada, um visual mais inacreditável ainda... Montanhas majestosas, lago e glaciares, tudo numa só paisagem. É de perder o fôlego. Entrei na água e comecei a remar em direção a um enorme iceberg, que estava a uns 200 metros da beira. Outro pedaço grande se desprende e caiu na água, levei um susto enorme, mas segundos depois vi e entrei na onda causada pela queda do gelo e surfei a marola até a beira. Momento mágico, o ápice, estar num lugar daqueles fazendo SUP e ainda surfar uma marola do iceberg. O SUP, assim como o kitesurf, entrou na minha vida de uma forma muito parecida. Foram dois esportes que eu nunca havia pensado em fazer antes. São esportes novos e que se complementam. Dias de vento, bom para o kite, ruim para o SUP. Dias sem vento, ótimo para o SUP, com o kite guardado. Dessa forma, estou sempre na água. O SUP me permitiu chegar a muitos lugares. Estou redescobrimo lugares, buscando experiências novas. No Rio de Janeiro mesmo, faço passeios a lugares que sempre estiveram ali tão perto. É subir na prancha e remar, voar. O stand-up paddle, assim como o kitesurf, é um esporte que não agride a natureza, e por isso é como um esporte do futuro. Acredito que essa deverá ser a tendência dos esportes mais praticados no mundo. Isso é o que eu espero!

www.carolfreitas.com / www.projotorotas.com.br



mormaii



mormaii GALÁPAGOS
154 783 03



/mormaiiloculos

CORISCHUMACHERCELINECHATKASSIAMEADOR

KEALAKENNELLYNICKCARROLLDEREKHYNDLEWISSAMUELS

ELAS POR... ELAS

NA CONTRAMÃO COM UMA SURFISTA



Celine Chat, Fresque Rose

por Alexandra Iarussi
artes Celine Chat e Roxy
fotos Jim Russi, Maria Cerda e Nick LaVecchia

Kassia Meador, linda como sempre, desfila sua graça e leveza sobre o pranchão

NICK LAVACHNA



O que mudou, o que permaneceu e o que há de mudar para as mulheres no surf. Os desafios a serem enfrentados pelo surf feminino, que talvez nunca na história tenha reunido tantos talentos e ironicamente está cada vez mais à deriva no universo das competições e do real valor.

Minha profundidade na questão busca ponto de partida nos pensamentos abertos da longboarder três vezes campeã mundial: Cori Schumacher, que bateu de frente com a ASP por não concordar com a realização de uma etapa do Mundial de Longboard na China. A atitude causou polêmicas e divergências de opiniões entre a mídia e atletas do segmento – entre nós, surfistas mulheres, e me deixou com a pulga atrás da orelha.

A ASP pela primeira vez na história decidiu realizar um evento oficial na China – na ilha de Hainan –, como uma etapa válida do Mundial Feminino de Longboard. A iniciativa marca uma nova era para as mulheres do pranchão. Afinal, até então, a campeã da modalidade era decidida em uma única etapa no ano, no Roxy ASP Women's World Longboard, estrategicamente realizado na França. No entanto, o que aparentemente surgiu como fruto colhido após anos de batalha – e uma consequência natural da evolução do esporte – foi visto com ressalvas pela longboarder americana Cori Schumacher, que se viu dividida quando recebeu o convite diretamente do presidente da ASP, Brodie Carr, para disputar uma segunda etapa... na China. Cori, resignada com a situação de detrimento aos direitos humanos na China, optou por não participar do evento. A notícia do boicote de Schumacher se espalhou entre os mais atentos e despertou diferentes reações. A minha, inclusive. Futuramente de Cori intrigada com seu posicionamento, e ela me contou os motivos do boicote. Porém, o que começou com um jogo de perguntas e respostas fechadas acabou se transformando em um profundo debate a respeito da situação e do real papel das mulheres no surf, com o qual abro o tema deste artigo. Eu quis ouvir outras vozes e procurei também outros personagens desta história, como a surfista e também integrante do circuito mundial de longboard, e musa do pranchão, Kassia Meador, conhecida pelo seu estilo clássico e gracioso. E a talentosa artista francesa – e surfista de alma – Celine Chat, famosa por seus desenhos e pinturas, que fiertam com elementos fantásticos e surreais, que de diferentes maneiras trazem os elementos da praia e do surf à obra. Inclusive, é de autoria de Celine a arte que colore a abertura desta matéria, Fresque Rose, uma verdadeira doçura. Busquei sabedoria nas palavras de um dos grandes pensadores da indústria, o jornalista australiano Nick Carroll. E inspiração para dissertar sobre os questionamentos em outra lenda australiana, o lóngo Derek Hynd, um dos pensadores que, mesmo a muita distância territorial, é o mais intrigante de se relacionar. E Lewis Samuels, americano que ganhou notoriedade com suas publicações ácidas e provocativas no site Postsurf.com, com o qual também me senti provocada, só que positivamente. E misturei a opinião de todos num tubo nem tão perfeito.

“Por causa do critério de julgamento ou para ganhar o respeito por parte dos surfistas homens ao surfar como eles, existe pouca graça no surf feminino. Uma pena. Sou fã da Rainha de Makaha, Rell Sunn, e seu estilo lendário. Seria ótimo desenvolver o surf feminino inspirado nestas qualidades” – Celine Chat

MULHERES. QUEM?

Enquanto pipocam teorias sobre o que virou o World Tour Masculino da ASP – Kelly, Medina, Mineiro, Owen, Taj, Smith, Martínez –, onde se questiona legitimidade quanto a escolha das locações das etapas e até mesmo quanto aos rumos de julgamentos e o futuro do surf de homens, ninguém ousa tocar no assunto 'World Tour Feminino', que fica à mercê dos comentários a meia boca. Um dos principais argumentos que circula é o de que as ondas de sonho do Dream Tour já não são tão importantes aos interesses comerciais. Sim, todos já entenderam que as etapas do Rio de Janeiro e Nova York, São Francisco e outros "Isoscos", marcam uma nova manobra da ASP, em que o lado econômico e a possibilidade de trazer o surf ao grande público pesam mais do que levar Pros às ondas perfeitas, de 'classe AAA', quando ainda não encontraram formatos para a televisão, vias web e outros canais. Mas alguém falou delas? Por enquanto não. Em recente entrevista publicada na *Surfer Magazine*, a big-rider Keala Kennelly queixou-se publicamente dos rumos impostos ao surf profissional para mulheres. E com a coragem de poucas, chegou a quebrar a cara nas monstruosas ondas de Teahupoo, há alguns dias, 'nas grandes'. "O nível de talento nunca foi tão alto, mas o interesse no World Tour Feminino nunca foi tão baixo. A única razão óbvia que consigo enxergar para isso é que talvez o Dream Tour não exista mais. O tour feminino se transformou em um 'pequeno circuito de beach breaks', e mesmo com performances arrasadoras, não é um negócio empolgante. As mulheres não têm sequer uma etapa no tour realizada em uma onda desafiadora", disse Keala à publicação criada por John Severson. Mas depois, procurada novamente, disse ela: "São essas ondas [Teahupoo] que eu quero pegar", sorrindo, com a cara rasgada por um caldo e pelos corais no maior mar já surfado na história do Tahiti. Já Cori Schumacher, a personagem central, vai além. Ela apontou que as diferenças entre homens e mulheres estão enraizadas em uma sociedade que tem a experiência masculina como parâmetro para tudo. "Evoluímos bastante, mas temos muito para alcançar. Especificamente, o surf ainda está mergulhado em uma miopia androcêntrica [no androcentrismo, as experiências masculinas são tidas como as experiências de todos os seres humanos, sem levar em conta, portanto, as experiências e sabedorias femininas], que define a feminilidade como algo que seja sexualmente provocante e que valoriza somente as mulheres que surfam como homens, com o mesmo estilo e comprometimento de performance."

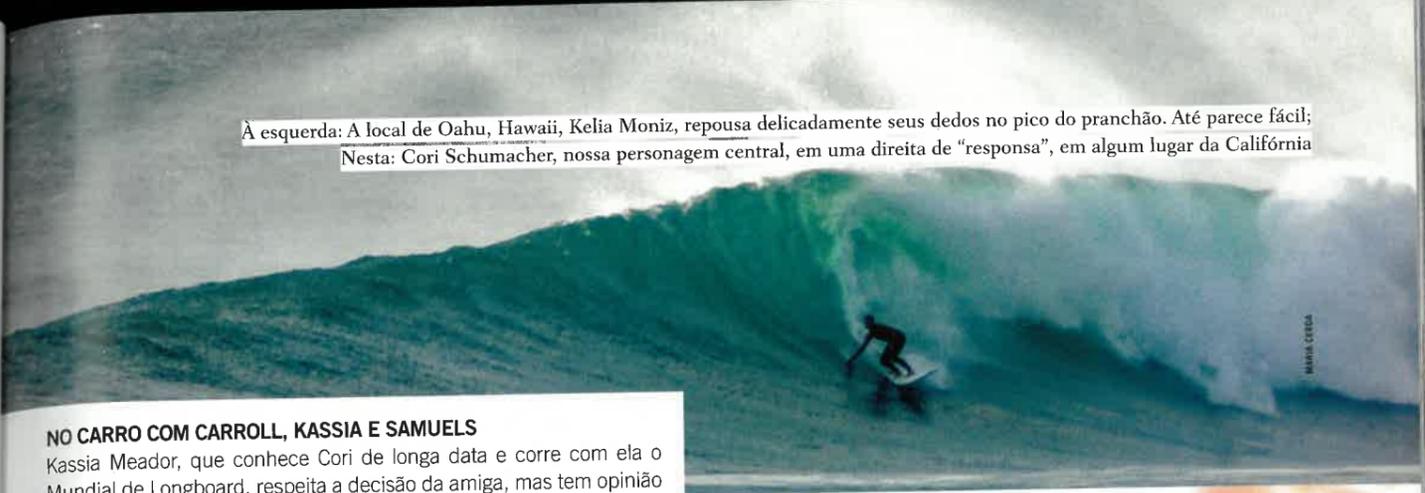
“Uma experiência positiva que tirei disso tudo: que a harmoniosidade, a graciosidade e o estilo dançante das longboarders têm muito valor - por sua feminilidade autêntica. Infelizmente, isto foi usado no contexto deste campeonato, mas posso perceber o valor da escolha da ASP pelo longboard feminino para realização desta etapa” - Cori Schumacher



O QUE VOCÊ TALVEZ NÃO SAIBA SOBRE CORI

Californiana nascida em Huntington Beach, Cori Schumacher é filha de Craig Allen Schumacher e Jeannette Lorraine Michaud, dois ávidos surfistas que lhe apresentaram o surf aos 5 anos de idade. Aos 8, já competia na categoria shortboard. Não tardou para que Cori se rendesse aos encantos do longboard, e foi apenas uma questão de tempo para que ela ganhasse destaque no esporte com a conquista de três títulos mundiais - em 2000, 2001 e, depois de um período, 2010. Em 2001, logo após conquistar seu segundo título mundial, Cori afastou-se das competições. Ela contou que: “Precisava de um tempo para pensar e refletir sobre o surf”. E só voltaria a competir novamente em 2008, mesmo ano em que venceu o Linda Benson Roxy Jam, em Cardiff, na Califórnia, um charme de evento. Em 2009, foi campeã do Women Longboard Pipeline Pro. “Voltei ao surf ‘Pro’ para poder avançar junto dele. E entender como funciona o status quo das coisas. Entender um pouco do mundo.” Estranho pensar que uma tricampeã mundial de longboard, há tantos anos no circuito, abra mão das relações com patrocinadores. A surfista já teve postura radical em outra experiência drástica, que foi optar por não estar vinculada a nenhuma marca, quando classificou a relação como sufocante e limitante. “Algumas pessoas fazem isso sem esforço algum, mas eu não gostei desse relacionamento. Eu não me sentia autêntica. A liberdade que desfruto fora dessa dinâmica vale por dias honestos de trabalho. Fazer o que é melhor para a marca acaba por misturar o que é realmente o melhor para a surfista. E é isso que eu rebato. É a hora em que aparece a oportunidade de manifestar as opiniões. A imagem do surf feminino é criada por patrocinadores, socializada nas jovens surfistas e depois vendida como algo autêntico, mas que contamina de uma forma deturpada.” Em fevereiro deste ano, quando recebeu a notícia da etapa chinesa do WLT, a surfista até cogitou participar do evento. Reconheceu os louros de anos de trabalho e suor por parte das longboarders. “Quando fiquei sabendo sobre o evento na China, tive sentimentos antagônicos. Lutávamos pela realização de mais de um evento para definir a campeã mundial há mais de uma década. Com a etapa da China finalmente teríamos isso. Mas logo percebi que estaríamos trocando uma situação desfavorável por uma ainda mais ofensiva. Soube que teríamos viagem e recepção pagas pelo governo chinês. Aí me perguntei: Por quê?” Para a longboarder, havia duas opções. Correr o campeonato com ressalvas, sabendo que poderia ser censurada pela mídia chinesa e possivelmente pela mídia do surf. Ou agir com embasamento, boicotar o tour e usar a plataforma que tem como campeã mundial para falar sobre as complexidades de se fazer negócios em um ‘ambiente corrupto’. Para Cori, o governo chinês tem um histórico de priorizar a economia e a uniformidade social em vez dos direitos de liberdade de expressão. A surfista argumenta que levar mais uma indústria [a indústria do surf, que movimenta mais de 50 bilhões de dólares no mundo e não tem planos de participar sistematicamente das mudanças na China] para a China não resolverá os problemas do país, e os reflexos que causa nos demais. “Talvez o surf chame a atenção para a poluição nas águas costeiras, mas nada muito além. Toda informação que encontrei a respeito da indústria do surf na China é que será movida unicamente pela força econômica de abertura do país. Não endosso isso, e não vou participar do ASP World Longboard Tour nesta temporada. Somos uma comunidade, formada por indivíduos. Sei que algumas mulheres discordam do meu pensamento. E já que o longboard mundial feminino não tem muitas oportunidades, compreendo perfeitamente o papel de minhas colegas; não vou julgá-las, nem espero que elas me apoiem nesta escolha. Simples.”

À esquerda: A local de Oahu, Hawaii, Kelia Moniz, repousa delicadamente seus dedos no pico do pranchão. Até parece fácil; Nesta: Cori Schumacher, nossa personagem central, em uma direita de “resposta”, em algum lugar da Califórnia



NO CARRO COM CARROLL, KASSIA E SAMUELS

Kassia Meador, que conhece Cori de longa data e corre com ela o Mundial de Longboard, respeita a decisão da amiga, mas tem opinião diferente. Para ela, não temos o direito de negar o surf às pessoas. “Todos os governos do mundo têm seus pontos fortes e fracos. Não deveríamos negar às pessoas nenhum luxo ou sentimento positivo porque elas vivem em uma sociedade repressora. Se a China está tentando se modernizar e algo como um campeonato de surf feminino pode ajudar a dar mais um passo nesse sentido, então é maravilhoso... Eles sediaram as Olimpíadas, e isso ajudou a inspirar as pessoas. Se temos a oportunidade de chegar lá e inspirar apenas uma criança, um ser humano que seja, com a conquista de algo maravilhoso, então já valeu a pena”, escreveu-me Kassia Meador, que surfou as ondas da China com sensualidade de sempre e sem nenhum problema. O jornalista australiano Nick Carroll lembrou que a decisão de Cori de boicotar o evento de surf não é a primeira na história do esporte. Em 1985, seu irmão [Tom Carroll], ao lado de Tom Curren, boicotaram a perna sul-africana do World Tour, em resposta às políticas de apartheid por parte do governo. No entanto, quando o questionei se havia alguma diferença de atitude por parte de Curren e Carroll e Cori, Nick foi categórico: “A África do Sul era uma nação de fortes vínculos com o surf, onde o esporte servia como um dos poucos elos com o Ocidente, e os boicotes já estavam acontecendo em vários outros esportes. Era bastante razoável presumir que o boicote à nação por parte dos surfistas teria um efeito prático na dissolução do apartheid - como foi verificado na época. Os boicotes ajudaram efetivamente a enviar uma mensagem ao governo, que mais tarde acabou com o regime. Claro que isso foi apenas uma pequeníssima parcela do todo. Mas os surfistas envolvidos também agiram de acordo com experiências próprias, pois frequentavam o país há anos e testemunharam o que significava o apartheid para os negros”. E continuou, já falando mais alto, o top mídia Carroll: “Uma atitude muito corajosa, pela qual eles pagaram um preço: foram maltratados e incompreendidos por outros surfistas e sul-africanos. Já a situação na China é bem diferente. A China é um lugar enorme, onde não existem surfistas. É provavelmente a chave da economia global no presente, e não demonstrou nenhum tipo de interesse nos efeitos de qualquer boicote por parte do Ocidente - as Olimpíadas de 2008 foram sediadas no país sem nenhum tipo de protesto ferrenho por parte de ninguém”. Nick Carroll completou, dizendo que respeita totalmente a atitude de Cori, que em última instância está exercendo seu direito de liberdade de expressão, mas que não vê muito sentido na atitude dela. “Não temos como ignorar a China ou fingir que ela não existe. Vejo o surf como uma atividade fascinante, enredada com todas as outras coisas que as pessoas fazem, inclusive a política. O surf faz bem às pessoas, e não vejo razão em negá-lo a uma fatia de 1,3 bilhão da população mundial - eles podem escolher aceitá-lo ou não.” O jornalista contou a respeito da experiência que teve em território chinês, durante uma viagem que fez em companhia do americano Pat Gudauskas, que compete no World Tour da ASP, e o free surfer havaiano Ola Eleogram.

“Quando estive lá, fiquei muito interessado nas pessoas que conheci e em observar como elas se comportavam. Nós éramos objeto de fascínio nos picos que visitamos; ninguém nunca havia visto alguém surfar. Ajudamos algumas pessoas a pegarem onda, e elas irradiavam de felicidade e medo. Os chineses são pessoas fortes, meio rústicas, no bom sentido, exigentes, apaixonadas, que surpreendentemente se parecem com os americanos em vários aspectos. Acho uma grande besteira julgar essa nação e sua população com base nas coberturas ocidentais, em particular da mídia dos Estados Unidos, que parece ter grande interesse em encorajar uma visão obscura do lugar.” Lewis Samuels, que causou furor na mídia internacional com suas publicações ácidas e debochadas no Postsurf.com [que teve vida útil entre os meses de janeiro e setembro de 2009], espaço onde disparou duras críticas e ironias a respeito da indústria do surf e seus personagens, se fez claro em poucas palavras. “Respeito o comprometimento de Cori com suas crenças e sua postura de lutar pelo que acredita. Agora, de maneira cínica, acredito que sua decisão é completamente irrelevante no que diz respeito às mudanças políticas significativas na China.” Samuels fez questão de lembrar: “O surf e a indústria são duas coisas distintas. O ato de surfar ainda pode ser utópico quando restringido à experiência pessoal. Mas quanto mais interligado é o ato de surfar com a indústria do surf, para qualquer indivíduo, menos perfeito se torna o ato. Então, quando falamos a respeito do dinheiro de patrocinadores em um evento da ASP na China, claro que tudo se resume a ‘dinheiro’, política e poder... Assim como qualquer outra atividade comercial”. O jornalista pontuou que as relações econômicas entre entidades, empresas e organizações de outros países com os chineses acabam inevitáveis nas relações comerciais do mundo globalizado, onde se produz mais e se paga menos. “As pessoas são forçadas a fazer negócio com a China por questão de necessidade. Para a grande maioria das nações, organizações, companhias e pessoas, o dinheiro é mais importante que os direitos humanos. Então, a ASP está fazendo negócios com a China pelo mesmo motivo que os EUA estão - atrás do dinheiro da China! E Cori enfrenta o mesmo dilema, só que em uma escala pessoal que priorizou o que acredita em detrimento de suas finanças. Tendo dito isso, é muito mais fácil para Cori de posicionar porque tem muito menos em jogo. Os eventos femininos de longboard da ASP envolvem pouco dinheiro. Para a ASP, tem mais em jogo no futuro. Para os EUA e outras nações, a quantidade de dinheiro em jogo é astronômica, e poderia determinar o futuro econômico de uma nação. É por isso que todos viram as costas para os problemas políticos da China. Posso afirmar que isso não difere de quando as nações europeias fizeram negócio com os EUA na década de 60, quando os americanos ajudaram a alimentar e armar vários regimes ditatoriais na América Latina que perpetuaram atrocidades com seres humanos.”

JIM RUSSI

Nesta: Pure fun! Graça e feminilidade autêntica sobre o pranchão;
À direita: "Beleza e performance, a mistura de homem e mulher:
o humano perfeito?"
Deveríamos dar um passo atrás com relação à beleza. Beleza
é também o que somos e o que fazemos" - Celine Chat

AS MULHERES E O SURF

A obsessão de Cori Schumacher pelo surf vai além da vontade de surfar e acumular títulos. Voltamos para o início desta matéria, quando o que começou com uma simples troca de e-mails com perguntas e respostas fechadas sobre um assunto em específico [o boicote] se desenrolou em uma filosofia profunda a respeito do papel das mulheres e seu futuro no surf profissional. Para minha surpresa, durante a produção desta matéria, encontrei um exemplar da *Surfer Magazine* (volume 22, nº 7), publicado em julho de 1981, que o editor desta revista, Adriano Vasconcelos, me deu em mãos e disse: "Presente! Você vai cuidar dessa revista muito melhor do que eu" – e eu me lembrei de tê-la guardado –, que trazia à tona discussão similar para épocas bem diferentes. Destaquei o trecho da reportagem de capa da edição, "Ladies of the sea", escrita pela jornalista Kate McKnight: "Desde que o surf se tornou popular, nos anos 50 (e com isso, mais mulheres começaram a se dedicar ao esporte), as mulheres nunca foram consideradas a força motora do esporte. As pranchas, roupas de borracha e campeonatos vinham para elas em segunda mão, junto à chance de correrem algumas baterias em campeonatos, enquanto os homens aguardavam pelas melhores condições do mar. Os homens eram os responsáveis pelo design dos produtos para nós, e eu não me lembro de ouvir falar de alguma mulher que tenha fabricado alguma prancha 'fora do normal'. Com a libertação feminina, as mulheres que surfavam (e suas seguidoras) se viram diante do dilema: dar tudo de si ou se calar. Os anos 60 e 70 nos levarão a desafiar nossos objetivos e a examinar o verdadeiro significado da igualdade, seja ao procurar um emprego ou dropar uma onda no pico em um outside crowdado no Hawaii, na Califórnia ou qualquer outro lugar. Não é de surpreender, então, que exista uma porcentagem significativamente menor de mulheres no esporte, mas que cresce a cada ano. Quando os ventos começam a virar e as ondas aparecem, as mulheres estão cada vez mais presentes no outside". Fiquei emocionada. Talvez o mais intrigante ao ler o parágrafo acima, é perceber que hoje, 30 anos depois, ele continua assombrosamente atual. Quais são os desafios enfrentados pelas mulheres no surf? Qual o papel da mulher nessa indústria predominantemente machista? Por que tamanha diferença



dos valores de premiação entre homens e mulheres? Cadê as ondas desafiadoras do Dream Tour Feminino, como pontuou Keala 'Fucking Punk' Kennelly neste artigo? Verdade seja dita, é inegável que as mulheres, aos poucos, conquistaram seu espaço no surf mundial. Não podemos ficar indiferentes ao talento e garra de surfistas como a australiana 4X campeã mundial, Stephanie Gilmore, a guerreira brasileira Silvana Lima, a talentosíssima havaiana Carissa Moore, que na temporada deste ano de 2011, com apenas 17 anos, se consagrou a mais jovem campeã mundial da história do surf feminino. No caso de Carissa, está no sangue. Uma coisa é fato: as meninas estão 'bustin down the door'. O nível de performance se eleva meteoricamente – com técnica cada vez mais refinada. Prova disso é o *Leave a Message*, de Jason Kenworthy, filme que traz as havaianas Carissa Moore, Coco Ho, Monyca Byrne Wickey e Malia Manuel; a americana Lakey Peterson e a australiana Laura Enever, que compõem o time feminino de surfistas da Nike 6.0 – assista no *Almasurf.com*. No surf de ondas grandes, a brasileira Maya Gabeira e a havaiana Keala Kennelly – junto de pouco mais de uma dezena de meninas atiradas –, estão expandindo os limites do que o mundo considerava possível de ser surfado por uma mulher. Mas, mesmo diante desse cenário positivo, alguns fatos nos fazem pensar que as coisas poderiam estar melhores. Onze etapas compõem o Tour Masculino. Três delas são aproveitadas para etapas das meninas, de um total de sete, com a melhor onda em Bells... Sem Jeffreys Bay, Trestles, Pipeline ou Teahupoo. Aliás, a ASP anunciou que por falta de patrocínio não realizará a Tríplice Coroa Havaiana – Vans Triple Crown of Surfing 2011 – para as mulheres do Tour. Ao contrário, convidou a atual campeã Carissa Moore para participar da Tríplice Coroa Masculina como wildcard.

"A ignorância de muitos surfistas homens me enfurece e espero que eles cresçam logo. Muito progresso têm sido feito neste aspecto nos últimos 20 anos e tenho esperança de que ele continuará. Nunca culparia as mulheres por isso. Muito do progresso do surf feminino é resultado de seus maravilhosos esforços, e os significantes saltos de performance protagonizados por Steph Gilmore, e agora, a nova geração, que cresce sob suas influências. Eu me inclinaria à cumprimentá-las ao invés de igualá-las ou culpá-las" – Nick Carroll

ABRO OUTRA DISCUSSÃO E FINALIZO

Quando interrogado a respeito dessa diferença tão abrupta entre homens e mulheres no surf, Nick Carroll respondeu: "Eu queria poder sugerir outra saída além dessa – a mais óbvia: tempo. A ignorância de muitos surfistas me enfurece e espero que eles cresçam logo. Porém, vejo certo progresso nestes últimos 20 anos. Acho que os sinais são bons, mas certamente imagino a frustração de Cori em relação a isso". Sempre opinativo e conturbado, Lewis Samuels sentenciou: "Enquanto os homens controlarem a indústria, é improvável que a situação mude tão cedo. O mundo é assim". E Cori segue a linha de Samuels com outras palavras: "O conceito de feminilidade valorizado na indústria do surf é 'enrolado e baseado' essencialmente na perspectiva do homem. Uma das principais razões pelas quais as mulheres estão ganhando status é porque elas estão surfando mais como homens e ao mesmo tempo sendo femininas. E, de novo, é um conceito masculino de feminilidade que está sendo valorizado: sexualmente atrativa, disponível, sorridente e meiga, etc.". Para Derek Hynd, bastou um parágrafo para que ele resumisse a história toda: "Ainda não me convenci de que as mulheres vivem um dos períodos de maior talento do surf profissional, coisa que muitos falam por aí. Não vejo tanta diferença em relação ao passado. No entanto, as mulheres merecem surfar nas mesmas condições que os homens, pelo menos nos eventos realizados nas grandes cidades. Por muitos anos se instaurou um regime de 'apartheid' por parte dos diretores de provas, que sempre mandam as mulheres competir nas piores condições do mar. Bells Beach é o pior exemplo. Coloque Jodie Copper [ex-surfista profissional australiana, deixou o tour feminino em 1994 e, apesar do sucesso nas competições, nunca conquistou um título mundial] como diretora de prova nos eventos de Bells ou Snapper Rocks. Aumente o nível das disputas. Dê às mulheres a chance de triunfar ou cair em surf de verdade. Pronto!". Se pudesse sugerir outra locação para o World Longboard Tour que não a China? Sem titubear, Cori finalizou: "Seria o Hawaii, berço do nosso esporte. Makaha, onde Rell Sunn – voltemos às lendas do surf – costumava surfar. Isso contribuiria para a economia do Hawaii e seria uma grande celebração da história de nosso esporte. A Austrália e a Califórnia também são bons lugares. Se tivesse que escolher entre ter um ou dois eventos (com o segundo na China), escolheria realizar um evento apenas, até que a economia tivesse mudado para melhor e fôssemos capazes de sediar esse evento em outro lugar. Com mais verdade." E eu concordei com ela: Rell Sunn é uma deusa. 🌊



JIM RUSSI

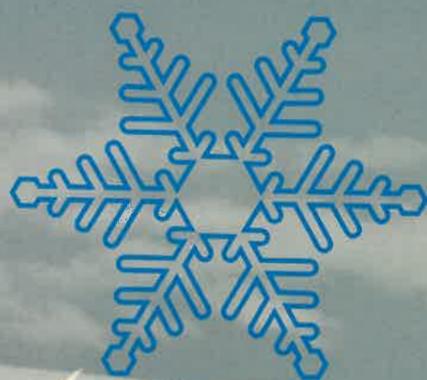
HANG TEN®

Os bons tempos
voltaram...



hangtenbrasil.com

boardsco CARTEL 011  *tropico*



ISLÂNDIA

SURF NO SOL DA MEIA-NOITE

por **Lea Brassy**
fotos **Laurent Masurel /Aquashot**

Posso dizer que o surf na Islândia é apenas um detalhe. Nesta viagem peculiar em companhia do meu namorado, Vincent Colliard, e do talentoso fotógrafo Laurent Masurel, tive o privilégio de experimentar sensações que talvez não tenha em nenhum outro lugar do mundo. Das sessões de surf em plena madrugada às remadas ao lado de icebergs gigantes, entrei em contato com uma natureza bruta e selvagem, que se despiu pura e translúcida diante de meus olhos, como uma onda que quebrava sem fim...



Vincent Colliard em ação nas águas geladas da Islândia, que em junho, oscilam entre os sete e oito graus Celsius.
A direita: Léa Brassy a caminho de mais uma sessão de surf na solitária Islândia

A TERRA DO GELO

Vincent e eu sonhamos com as águas azul-escuras da Islândia desde que assistimos ao filme *Castles in the Sky*, de Taylor Steele. Para mim, soava como uma grande joia verde coberta por pedras, fumaça, musgo e cavalos, referências desse país europeu. Essa ilha perdida no norte do oceano Atlântico é constantemente atingida por ventos fortes e grandes swells. É também conhecida terra de pescadores e território cósmico de contos de fadas, temática para receber turistas. Partimos da França de barco, nomeado carinhosamente de Vagabond (Vagabundo, em português). O capitão propôs integrar à tripulação da França mais três pessoas que estavam na longínqua Groelândia, no congelado polo Ártico. O Vagabond fornece suporte logístico para pesquisas científicas nas áreas polares, um dos focos dessa navegação. Nossa jornada nos levou de Brest, norte da França, para a primeira parada, em Kilmore, sudoeste da Irlanda, e depois para Islay, na Escócia. Depois de uma semana navegando entre as costas irlandesas e do Reino Unido, cruzamos o mar do Norte em direção ao cabo Farewell, em nossa primeira parada na Groelândia. A travessia demorou mais do que o programado, porque tivemos alguns contratemplos com relação ao clima gélido. Os primeiros dias foram bem difíceis de lidar, de adaptação ao frio cortante e ao excesso de umidade. Meu namorado Vincent e eu ficávamos de vigia por longos períodos de manhã e à noite, para evitar qualquer problema no ambiente selvagem daqueles mares e planícies intactas. No começo, por ser a única mulher, fui escolhida como a cozinheira da trupe. Bem, posso dizer que não me dei tão mal, já que os homens tinham de passar boa parte do tempo na casa de máquinas do barco, que era bem 'vagabunda'. Ocorreram alguns aborrecimentos... Tivemos um vazamento de água salgada em nossa água doce e também no tanque de diesel. Eu tinha que brigar comigo mesma para beber aquela água horrível, que me deixava doente. Vincent, que é mais resistente do que eu, voltava da sala de máquinas branco como neve e frequentemente tinha de deitar para recuperar o corpo. Ir ao deque ver as condições de navegação com os marinheiros era uma boa hora para respirar, já que todos estavam afiados para essa tarefa. Na proa, era obrigatório ficar preso a uma corda de segurança, vista a dramaticidade que seria cair no mar, que não estava nada calmo. Uma travessia pelo Atlântico Norte é uma aventura repleta de desafios. O barco não era muito eficiente quando dava de frente com ventos opostos, e tinha de ser impulsionado constantemente pelo motor. Até que um dia, em razão dos fortes sopros dos deuses, começamos a navegar para trás. Eu ficava um pouco irritada em pensar que existia a possibilidade, ainda que pequena, de que nunca chegássemos ao nosso destino. Para manter o lado psicológico equilibrado, nos concentrávamos em tabelas climáticas e mapas marítimos. E isso nos ajudou bastante a realizar nossa navegação pelas águas geladas. Certa manhã, depois de uma hora de vigia, avistei pela primeira vez um pedaço de gelo.

"Pegamos muitos picos com apenas três ou quatro surfistas locais na água, que ficaram muito felizes em dividir as ondas conosco. Éramos praticamente os únicos surfistas jovens na região" - Laurent Masurel



O tempo estava calmo, e então entendi aquilo como uma recompensa depois de tanto trabalho a bordo. Lentamente, fomos cercados por flocos de neve e alguns icebergs que apontavam no horizonte. Uma animação contagiante tomou conta de nós, e logo subimos no mastro para ver mais adiante e descobrir um mundo de gelo à nossa volta. Incrível! Em instantes, todo o cansaço da travessia havia desaparecido, o gelo era tudo pelo que esperávamos. Rapidamente fizemos uma primeira parada no sul da Groelândia para buscar a mulher e as duas filhas do capitão, que o esperavam. Durante uma semana, navegamos em direção ao norte, na maioria do tempo em mar aberto – por causa da grande quantidade de gelo nos canais pequenos. Quando chegamos a Nuuk, capital da Groelândia, pegamos nossas pranchas da cabine e as deixamos conosco quase que todo o tempo. Não queríamos deixá-las em um deque, porque nosso talentoso amigo, o shaper Alexandre de Sonis, as tinha feito especialmente para nossa viagem à Islândia. Eu e Vincent tínhamos que dividir o apertado banco e com certeza ficamos no pior lado, se considerarmos o ininterrupto balanço do mar. Era hora de surfar! A vez de esquecer as noites mal dormidas e o cabelo sujo, e lembrar apenas da magnificência do gelo e da amizade com o capitão e sua família. Nada brilhava mais que a passagem de gelo que circundamos para chegar a Reykjavik, capital da Islândia. E depois, ao pequeno aeroporto da cidade. Magni, o gerente da locadora de veículos 4x4, nos esperava com o carro que reservamos para viagem. Dinâmico, eficiente e com um senso de humor notável, ele parecia exatamente como eu imaginava quando nos correspondíamos por e-mail. Conhecemos também seu filho, Heidar, e nos demos muito bem. Com uma caneta vermelha, ele nos apontava no mapa os melhores picos, inclusive alguns secrets em potencial. Ficávamos cada vez mais animados à medida que nosso mapa era recheado com informações preciosas. Heidar pulou no carro, e caímos na estrada para uma sessão surf. Ele tem 18 anos de idade, e é absolutamente viciado em surf. É fascinante ver como o poder da paixão pelo surf pode realmente mudar uma vida – e acabou me lembrando como o surf é importante em minha vida também.

Em sentido horário: Q.G de Vincent, Lea e Laurent, de frente para o pico; Vincent e Lea dividem uma onda; paisagem bucólica e rústica da Islândia; Lea mandando ver em mais uma sessão de surf

HORA DE SURFAR!

Antes de comer estrada, queríamos também observar como a península se comportava quando as ondas estavam boas. De acordo com o swell que monitoramos – direção sudeste, período curto e ondas de até 1 metro –, tínhamos duas opções: uma esquerda rápida e oca e uma longa e suave direita, com um inside pesado. A Islândia é uma terra vulcânica, e as melhores ondas quebram sobre afiadas pedras de lava. Mas não em todas as praias. Contudo, ao escolher em que pico cair para surfar, consideramos o fato de que teríamos de usar roupas com 6 milímetros, e decidimos pela “acolhedora” direita, perfeita e limpa. Chegamos e... o line-up estava flat como a palma da minha mão. Foi absolutamente desesperador. Decidimos então fazer uma nova checagem na internet, numa biblioteca local. Algumas horas mais tarde, quando voltamos para o pico, uma longa e receptiva direita quebrava em direção à praia. A visão chegou a ser inacreditável... O swell havia chegado um pouco tarde e promoveu uma mudança radical. Nossa expressão de desapontamento mudou para a de felicidade absoluta. Depois de quatro semanas de navegação dura, muita logística e transporte, finalmente atingimos nosso objetivo: surfar as joias da Islândia. No pico, só nós e alguns patos que brincavam com as ondas. Chegamos na hora do jantar e paramos num deque em frente da praia para comer. As séries marchavam com consistência. “Lea! Olha essa onda!”, gritava Vincent a cada uma que passava à nossa frente. Meu corpo e minha mente borbulhavam. Estava ansiosa e excitada. Eram 8h00 da noite. A luz se tornara amarela, morna e brilhante. Vesti-me num minuto. Remamos para fora por uma lagoa. Demorou alguns minutos para eu sentir a água atravessar pela minha roupa grossa, gorro, luvas e botas. A água cristalina, de cor azul-esverdeada, era razoavelmente fria. Dropei minha primeira onda. Foi ótimo sentir a velocidade. Deslizar na parede. Minha prancha, mais curta, com mais volume do que o usual, se revelou perfeita para as condições. E comecei a adorá-la depois da primeira cavada. Na volta ao outside, Vincent dropou uma onda na minha frente. A parede, transparente, era perfeita. E vi meu surfista – Vincent – manobrar forte e espalhar gotas douradas no meu rosto. Rimos e vibramos, trocamos um beijo.

Estávamos felizes de dividir essa experiência no mar. Por três horas, pegamos onda atrás de onda, como que numa recuperação de espírito com água salgada. A luz dourada continuou a nos iluminar por horas até que chegou a exata meia-noite, quando já estávamos exaustos. A luz estava ligeiramente mais fraca, mas já anunciava a chegada de um novo dia. Na Islândia nunca fica escuro. O mês de junho é conhecido como o mês do sol da meia-noite. Caí nos braços de Vincent em meio à felicidade e vivi aquele momento mágico só a dois. Partimos em busca de roupas quentes, de esquentar um pouco de água para um copo de chá. Encontramos alguns surfistas locais e comentamos o quanto o surf havia sido bom. O pico, depois de um breve desapontamento, se manteve pra cima. Falávamos disso bebendo algumas cervejas e fumando erva, de praxe para os anfitriões. Uma festa simples de surf em um lugar exótico, sessão sob o sol da meia-noite, porque, ao contrário da balada, os sapientes islandeses tem o surf como o motivo da festa, quando normalmente vão para uma sessão de surf às três da manhã. Chega a parecer louco, mas lá não é. É normal.

“Eu recomendaria [a Islândia] como um destino de surf. As ondas são quase solitárias, mas não muito constantes. Se for verão, você não precisa de muita logística. Mas a história muda no inverno. A água é bem gelada. Você precisará de uma barraca específica para acampar; ótimas roupas de borracha. Uma aventura do começo ao fim... - Laurent Masurel



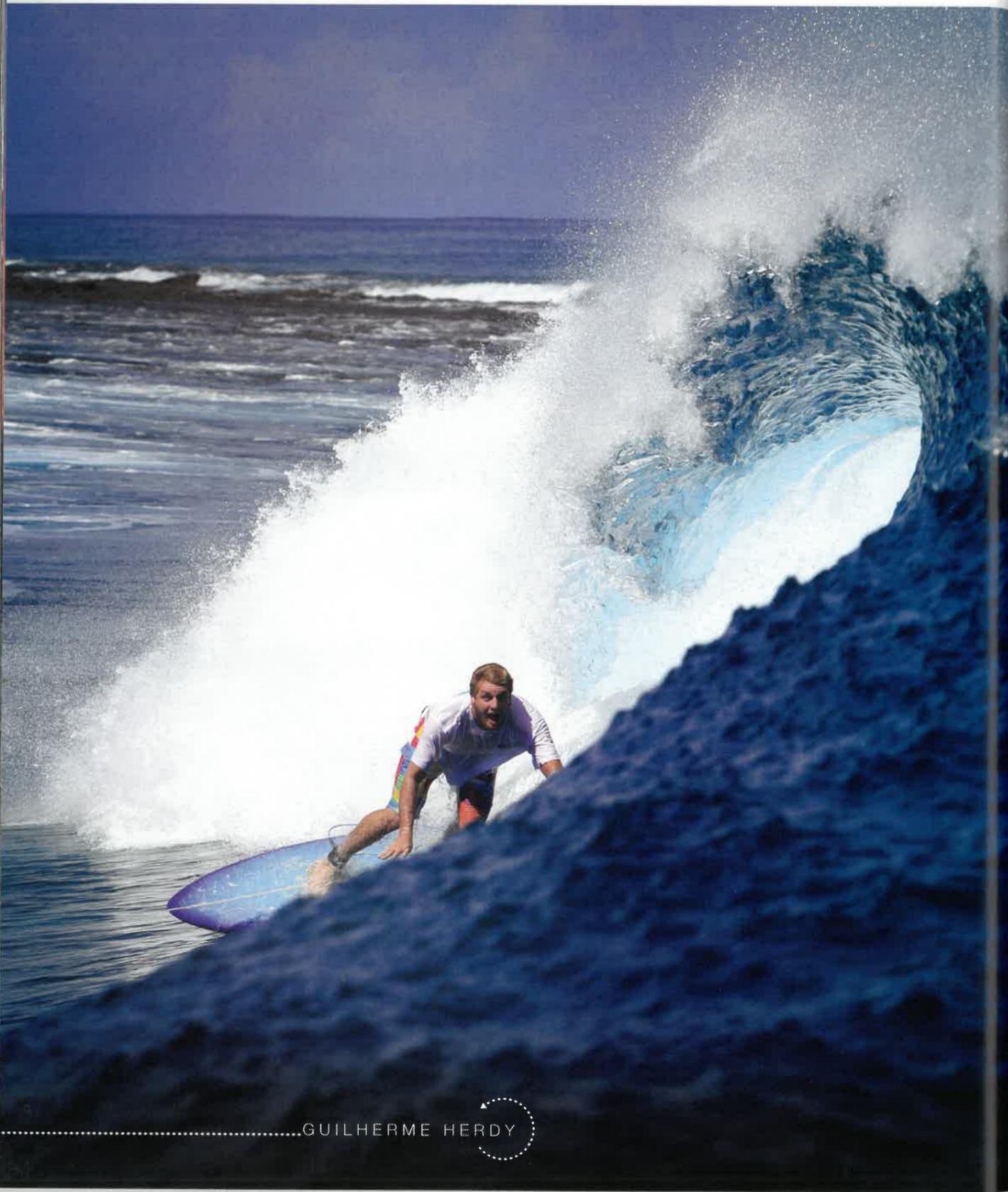
Em sentido horário: estúdio natural da Islândia, será final de tarde ou madrugada?;
Lea na caminhada de volta do surf; hora do rango



OUTRO DIA DE LUZ

Pela manhã, pela manhã mesmo, buscamos nosso amigo e fotógrafo Laurent Masurel. Já o havíamos informado que o swell iria embora muito rapidamente, para não ter vacilo nos registros. Decidimos então focar o momento e dar uma chance à esquerda "buraco", outra sensação da Islândia. Na maré baixa, todas as algas marinhas aparecem boiando na água, e o pico se torna um campo de plantas amarronzadas e escorregadias. Mas isso não é problema. Experimentamos uma atmosfera muito boa naquele dia ao dividir o pico com mais quatro surfistas locais, todos simpáticos. Essa é a onda favorita deles. E depois de uma sessão rápida em todos os sentidos, decidimos voltar à joia que surfamos na noite passada. Dirigimos por 1 hora em uma monótona paisagem composta por pedras de lava. A onda estava quebrando com a mesma perfeição, limpa e bonita, porém não com a mesma consistência. Laurent, que visitava o lugar pela primeira vez, começou a fotografar a praia. Acampamos em frente à lagoa, do lado do pico de direitas. O lugar era na verdade um pasto de cavalos, onde confraternizamos com esses animais amigáveis. Dóceis, eles se aproximavam de nós como novos amigos. E isso nos deixava ainda mais extasiados com aquele visual surreal, que nos invadia intensamente os olhos, o coração e a mente. Aconteceu uma sessão em outra esquerda cavada, mas ali o swell durou apenas um dia. Seguimos então para o sul, na esperança de encontrar alguns beach breaks. Partimos para uma noite na estrada, dirigindo em meio a campos verdes e cachoeiras. Até entrarmos na balsa em direção a uma pequena ilha, de ventos fortes e mar flat. Lá pelas 2h00 da manhã, já de volta à estrada, o céu começou a ficar lindo, e ganhamos de presente um lugar fantástico, onde uma geleira preenchia um lago. Uma surpreendente cobertura marrom fixada nas massas de gelo dava o tom de cores. E às 4h00 da manhã, sem problemas com o fuso, o sol começou a aparecer. Uma massa de gelo interessante, geométrica e transparente surgiu na grande lagoa. Decidimos remar por diversão. A impressão era de estar em outro mundo. Uma massa absurda de gelo, cheia de estalos e breves movimentos. Por um instante, não sabia se era realidade ou sonho. Dirigimos de volta e paramos em uma longa praia de areia preta que havíamos checado durante a noite. Percorremos aproximadamente 10 quilômetros de areia até chegar à costa, que guardava uma esquerda meio irregular. Ali ficamos, acampados na encosta de vários penhascos, que eram crateras de vulcões adormecidos. Esse lugar estranho, que parecia mais uma imagem do terreno da lua, nos encantava. Coletamos madeira seca para uma pequena fogueira, que nos manteve aquecidos enquanto bebíamos uma taça de vinho e namorávamos. No balanço das ondas que pegamos durante a viagem, concordamos que junho talvez não seja consistente o bastante para uma surf trip. A Islândia é um destino caro, que pode lhe custar alguns dólares a menos no bolso. As ondas também demoram um pouco para entrar... Então, decidimos partir sem avistar um novo swell – ainda imersos nas fontes naturais de água quente –, mas sem muita ação. Que experiência essa... Valeu a pena enquanto durou. Surfar é muito bom, namorar também. 🌊





GUILHERME HERDY



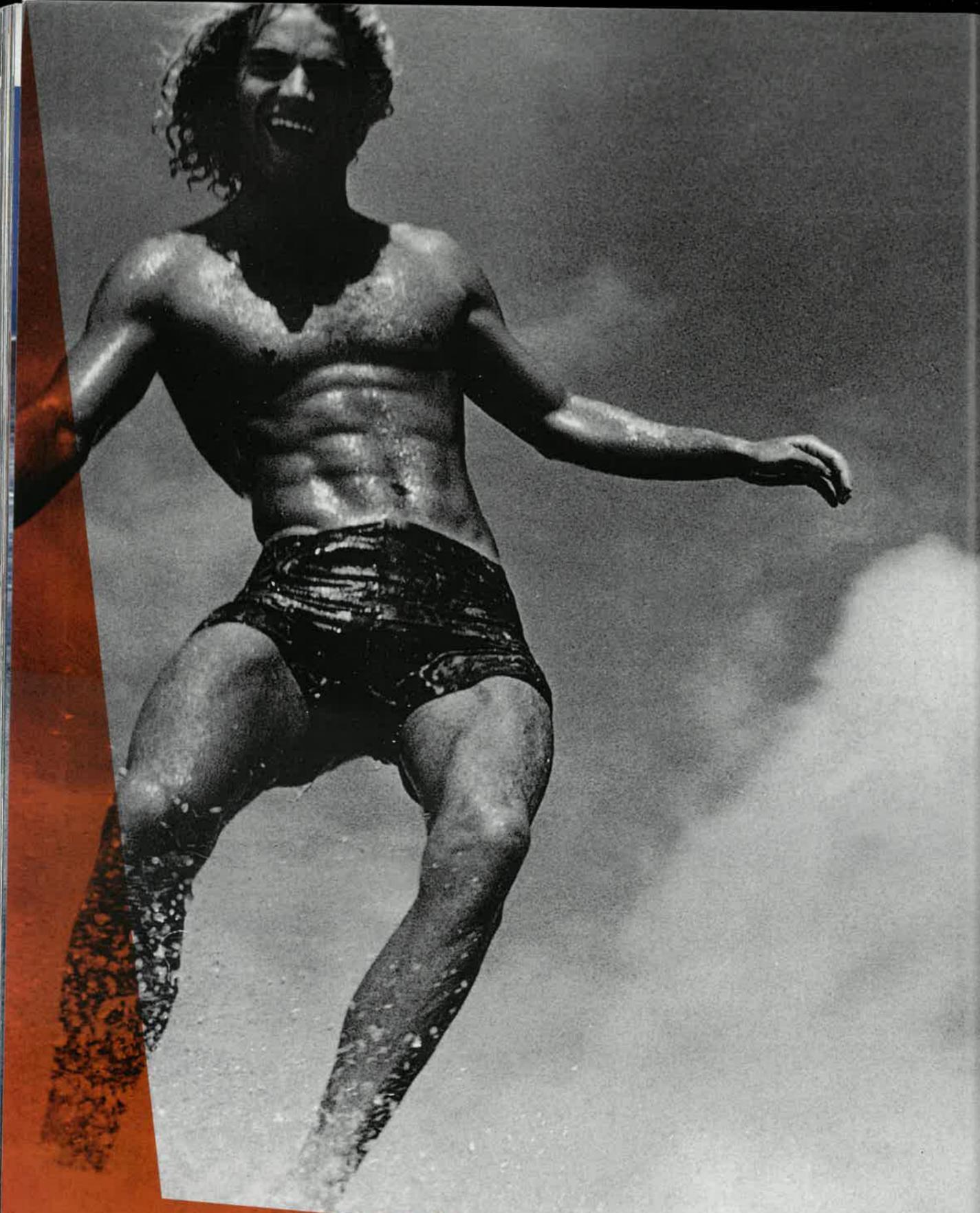
Join the adrenaline



Exija o selo de qualidade ABNT. Proteja seus olhos.

Model | Carvin

Terry Fitz, em seu auge. Fit to surf, happy to surf. Retrato de um Sultão em, estado de graça, no início dos anos 70



TERRY FITZGERALD
BOTA
SULTÃO NISSO!!!
EXISTEM SURFISTAS E... SURFISTAS!

por Reinaldo "Dragão" Andraus
entrevista Romeu Andreatta
fotos Hot Buttered

Aqueles que deixam uma marca no esporte passam da esfera de bons surfistas para o rol dos excepcionais. Alguns apenas por seu puro talento na água; outros por sua competitividade; outros por serem shapers de renome; empresários; por sua eloquência e capacidade de transmitir o espírito do surf. O australiano Terry Fitzgerald transcende tudo isso e vai além. Ele é, na acepção da palavra: uma lenda viva do surf.

PERFIL TERRY FITZGERALD

Nascido em 1950 em Sydney, começou a surfar aos 14 anos, ainda na era dos pranchões. Lapidou seu estilo nas ondas de Narrabeen. Viajou o mundo e fez história. Com uma personalidade vibrante, um surf vistoso e estiloso, mas acima de tudo veloz, o que lhe rendeu o apelido de "Sultan of Speed" – Sultão da Velocidade. Sultão, buscando o significado da palavra, um substantivo abstrato que denota força, poder, autoridade, domínio, enfim... era um designio para alguém que governava com soberania. Era isso que o surf de Terry transbordava quando ele marchava em boas ondas, dominava-as trabalhando com uma velocidade espantosa, um controle preciso, um arrojo peculiar e um estilo único, temperado por um jogo de

braços e um agachar e esticar do corpo, característicos, funcionais e de assinatura própria inconfundível. Ver Fitzgerald surfando em uma onda boa era hipnotizante. Dava para sentir que uma relação especial entre surfista, prancha e onda estava rotando ali. A espontaneidade de suas cavadas retardadas, o torque para alcançar a face da onda que ele, propositalmente, havia deixado tomar uma dianteira, os cutbacks desenhados como pintura de traços perfeitos e arredondados. Poesia em movimento. Uma poesia por vezes radical, em outras ocasiões um estudo de sintonia estética de gênio, mas era tudo muito natural. O cara tem o gift. Foi abençoado com um surf arrebatador.

Sunset Beach, uma das ondas em que o surf de Terry Fitzgerald se sobressaiu.

Este fade, em busca de uma cavada mais radical, mostra o grau de conforto que ele tinha nas ondas havaianas

DAS ORIGENS AO ESTRELAÇO

Terry Fitzgerald começou a surfar nas praias do South Side de Sydney, aprendeu a surfar em Maroubra Beach, a praia dos Bra Boys, que eram mais mellow nos anos 60. Sua família mudou para o lado norte do porto e instalou-se nos arredores de Narrabeen. Lá ele teve o ambiente ideal para se transformar no personagem legendário e respeitado que é até hoje. Ainda nos anos 60 passou um bom tempo em Noosa, no sul do estado de Queensland, um paraíso de rápidos point breaks de direita que com certeza ajudaram a moldar seu surf veloz. O talento logo o levou para o mundo das competições. Começou competindo nos School Boys Titles de 66. Aos 19 anos participou do campeonato mundial da ISA, o evento mais importante do mundo do surf no ano de 1970, com as finais em Johanna. Eram seis classificados para a finalíssima, e o jovem Terry ficou em sétimo. O próximo passo foram

as temporadas havaianas. Em 71 ficou por quase seis meses no North Shore. Nos anos seguintes e com participação contundente nos filmes de surf daquela época, a fama veio rápido. O resultado que considera o mais marcante de sua carreira foi a vitória em Bell's, no ano de 1972. Dois anos mais tarde venceu seu primeiro campeonato no Havaí, o Lightning Bolt de 1974, realizado em Velzyland. Em 1975 venceu os Australian Titles, "a" competição do ano em seu país. Em 1976 foi vice-campeão da World Cup em Sunset. Em 1977 chegou à sua melhor colocação no circuito mundial, um nono lugar ao final da temporada. Em 1980 venceu o primeiro evento profissional realizado na Indonésia, o OM Bali Pro, que rolou num Uluwatu grande e perfeito. Paralelamente a tudo isso, um outro mundo começava a palpitar para um mais maduro Fitz.

PERFIL TERRY FITZGERALD



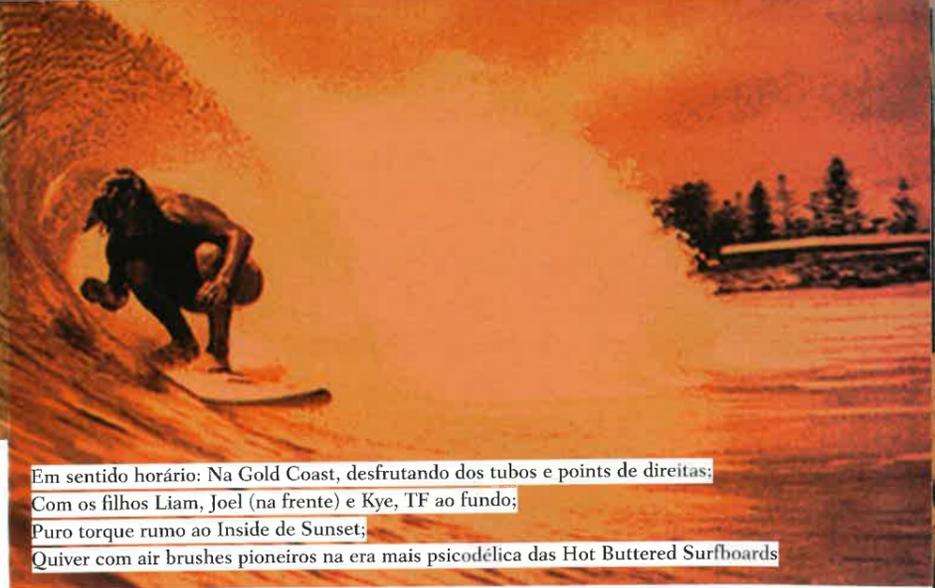
NASCE UMA MARCA EMBLEMÁTICA

Em 1971 foi concebida a marca Hot Buttered Surfboards, que a princípio era uma fábrica de pranchas. Terry, além de excelente surfista, foi um dos shapers mais criativos e inovadores de todos os tempos. Suas pranchas eram bólidos de linhas puras e arrojadas. Foi um dos precursores e inventores dos wings em pranchas, monoquilhas na época. Outra característica das pranchas vibrantes que saíam de sua fábrica eram os trabalhos de air brush, com desenhos psicodélicos e viajantes no bottom das pranchas. Fizeram escola. Sua empresa foi crescendo e, de uma fábrica de fundo de quintal em Brookvale, se transformou numa indústria de confecção e acessórios com licenciamento internacional. Terry já esteve shapeando no Brasil, mesmo antes de a HB brasileira ser aberta. Hoje trabalha há vários anos com a Mecanótica, que representa a marca no Brasil, inclusive sendo esta, por sua expertise com o produto, a grande fabricante de óculos com a marca HB, um sucesso de vendas e qualidade no mercado brasileiro, mais que em qualquer outro país do mundo. O que começou de forma descompromissada ou, justo pelo contrário, mostrava o seu compromisso total com o surf

e a vontade de evoluir como surfista, o levou a fazer suas próprias pranchas. No início do circuito mundial, eram vários surfistas do topo do ranking que também eram shapers. Para citar alguns: Mark Richards, Barry Kanaiaupuni, Michael Peterson, Reno Abellira, Jeff Crawford, Simon Anderson, Gerry Lopez. Influenciado por Bob McTavish e Dick Brewer, entre outros, pegou a mão rápida e fez sua fama como shaper. Terry Fitzgerald produziu pranchas por apenas 15 anos, então, nos meados dos anos 80, decidiu se transformar num empresário mais multifacetado. Roupas, acessórios, óculos, mantendo as pranchas como a alma original. Chegou a patrocinar inúmeros surfistas, tops do WCT, como o taitiano Poto e Guilherme Herdy. Fez uma empresa de surfistas e com surfistas. Quando Narrabeen estava quebrando, liberava seus funcionários, que eram quase todos surfistas, com exceção de uma ou duas secretárias e o contador. Na esfera das competições também foi visionário, concebendo o primeiro evento Pro Junior da história, o HB Pro Junior, em 1974, na praia de Narrabeen. Esse mesmo evento ainda ocorre na mesma praia, agora adotado pela Billabong.

NA ESSÊNCIA: O SURF

Para muitos desses surfistas empresários, na Austrália, no Brasil, em qualquer lugar, trabalhar com algo ligado ao surf era a melhor forma de ficar ligado ao amado esporte. Na verdade, ao patrocinar seus atletas, ao fazer filmes de surf para divulgar a marca, produzir as pranchas e roupas e ter de testá-las, Terry tinha o álibi que queria para estar sempre surfando. Desbravou G-Land ao lado do amigo Gerry Lopez em 1973. Com Vetea David foi levado para surfar lugares especiais do Tahiti. Fez várias investidas a regiões selvagens de Sumbawa, Indonésia. Seus vídeos sempre mostravam ondas secretas da Austrália. Foi o primeiro a surfar algumas ondas em Fiji... No mesmo ano em que fundou a Hot Buttered (71), casou-se com Pauline, com quem teve os três filhos Kye, Joel e Liam. Foram grandes companheiros de viagens, chegaram a seguir o tour, free surfers por vocação. O pai sempre fez questão de deixá-los livres para decidir o caminho. Terry sempre teve a noção de que há várias fórmulas para desenvolver uma vida ao redor do surf. Por toda sua vida deu asas à sua individualidade. No seu auge surfava qualquer onda, em qualquer lugar, da forma que queria, com equipamento produzido por ele mesmo, sem se preocupar com nada, por puro prazer.



Em sentido horário: Na Gold Coast, desfrutando dos tubos e points de direitas; Com os filhos Liam, Joel (na frente) e Kye, TF ao fundo; Puro torque rumo ao Inside de Sunset; Quiver com air brushes pioneiros na era mais psicodélica das Hot Buttered Surfboards





Em sentido horário: Romeu entrevistando Terry em São Paulo (2011); experimentalismo em duas quilhas; fotos menores, de cima para baixo: a kombi da companhia; shaper; designer; equipe no início dos anos 90; sempre veloz nas ondas; no Rio para o Super Surf Masters (2011); Fitz Flu

ENTREVISTA

No primeiro semestre deste ano, Terry Fitzgerald esteve no Brasil e, num encontro gravado em vídeo com o publisher da ALMA SURF, Romeu Andreatta, foi instigado a, como o próprio Romeu gratificou, dar uma aula de feeling e conhecimento das peculiaridades do surf. Veja algumas das melhores opiniões deste mestre.

Romeu: 2011, 40 anos da HB.

Terry Fitzgerald: "Na comemoração dos 40 anos da marca, não queremos celebrar como uma festa de aniversário, mas sim criar alguma coisa que mostre a extensão, a magnitude do que fazemos."

Brasil!

"Adoro vir aqui, pois este país tem uma conexão forte com a razão pela qual surfamos. A razão é a simples emoção de surfarmos. E assim que comecei a trabalhar aqui no Brasil, percebi que esse feeling estava aqui."

O surfista tem paixão, criatividade, felicidade, hedonismo... Busca tudo do melhor?

"É muito mais simples do que isso. Você trabalha fazendo revistas, ele tira fotos, outro fabrica boardshorts... O que é bom a respeito disso? Você pega este livro (Brasil do surf), ou estes óculos (coloca os óculos HB que estava usando em suas mãos)... Eu fabrico isso, fiz isso e tenho orgulho. Sua vida é simples, ter orgulho. Todos podem fazer isso, com uma prancha, numa onda, com fotografias tiradas, com palavras escritas... O que precisamos? De comida, um carro e uma prancha, o que mais você quer?"

Hoje, quando buscam uma referência como empresa, pessoa, empresário, buscam outras marcas...

"Mas eu estou feliz."

Você, Gerry (Lopez) e mais uns dois ou três podem passar a imagem pura. Passar para os novos players... Inspiração?

"Eu aprecio isso."



Não é minha opinião, é um fato. Hoje estamos num bom momento de mercado, grandes indústrias...

"Eu nem penso na indústria, estou feliz de trabalhar com pessoas que estão comigo há 30/35 anos. O ponto é o seguinte: estamos felizes com nossos contratos e podemos surfar todos os dias. Surfistas olhando para o horizonte são seres egoístas – você não vê a poluição, doenças, só a linha do horizonte e as ondas entrando. Nós temos a clareza para ver as coisas e, quando voltamos para aquela selva, sabemos o que temos que fazer. Há muito tempo deixei de querer ser o mestre do universo e ser apenas o mestre de mim mesmo. E o que eu faço... vou surfar. É uma boa contradição."

Surf como esporte?

"Vejo duas facetas. Competição é bom, porque permite a você saber quem são os melhores. Ajuda você chegar à excelência, como uma faceta do surf é importante. Por outro lado, a competição come o coração de pessoas jovens que só têm isso na cabeça."

E o modelo da ASP?

"Guilty, sou culpado! Em 75, os australianos montaram um ranking. MP (Michael Peterson) fez mais pontos na Austrália. Eu fui o melhor nas competições ao redor do mundo. Em 76, formaram a IPS (precursora da ASP) e, pelo sistema, PT (Peter Townend) foi o campeão, sem vencer nenhum evento. Em 75, eu venci três. Teria sido o campeão, mas não havia um circuito formal. Isso não importa. Hoje eu não surfo pranchas, surfo ondas. Vou com elas."

Big-riders e big waves. O homem desafiando a natureza?

"Get a job – arrume um emprego, e quando o mar estiver grande vá surfar. Vejo todos esses surfistas de ondas grandes tentando arrumar patrocínio... Go get a job! Uma vez vim ao Brasil e shapeei 100 pranchas em duas semanas. Na Austrália, cheguei a trabalhar 12 horas por dia, semanas a fio. Caras sem patrocínio – Get a job. Nós (eu, você, Gerry, Simon) precisamos ser multifacetados para sobreviver. Shapear, surfar, escrever, ser economista, ecologista, todos temos de limpar a casa, pagar contas... Para sermos surfistas verdadeiros. Hoje o shaper faz pranchas, o surfista é patrocinado e só precisa pensar em surfar. Eu tinha de fazer tudo na minha empresa, os anúncios, etc."

Mídia – Como vê a mídia, todas as opções.

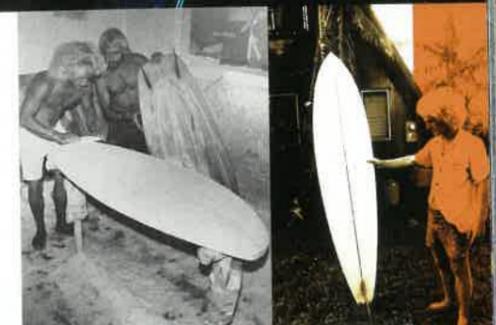
"Eu acredito na mídia, seja ela web, magazine ou vídeos. O importante é ter orgulho do seu produto. Os veículos de mídia devem contar a verdade. Apresentar imagens do que o surf pode ser, ou deveria ser. Todos nós estamos sobre esse guarda-chuva e temos a responsabilidade de mostrar o que é verdadeiro a respeito do nosso surf. E ficamos felizes por podermos mostrar isso. Fazemos isso por meio da mídia. Há 10 anos decidimos colocar nossa firma como 'underground', cortamos todos os anúncios. Em vez de concentrar em anúncios e promoções, nos concentramos no produto. O objetivo era melhorar tudo que fazíamos."

Hoje há mais arte nos filmes de surf do que nas revistas?

"Os filmes de surf se transformaram em arte de novo, e surf é arte. Arte é surf... Fizemos vídeos com histórias verdadeiras. Sultan of Speed foi um filme caro, em película (cut cut cut), muita gente trabalhou no projeto. Kye está fazendo este filme, Wind and Tide; acabou de voltar do Saara."

Futuro?!

"O futuro do surf está nas mãos de poucas pessoas. As revistas têm a responsabilidade de falar a verdade. Os fatos, nada mais dos que os fatos. As pessoas que publicam devem saber a responsabilidade de ser jornalistas. Pesquisa. Fale com as pessoas que criaram, fale com os fotógrafos. Essa é a única forma de o surf criar um alicerce seguro para as próximas gerações. Histórias verdadeiras. Publicar 1 diamante é melhor do que 10 pedregulhos." 🍷



THE ROAD NEVER ENDS.

GO DOWN HARD.

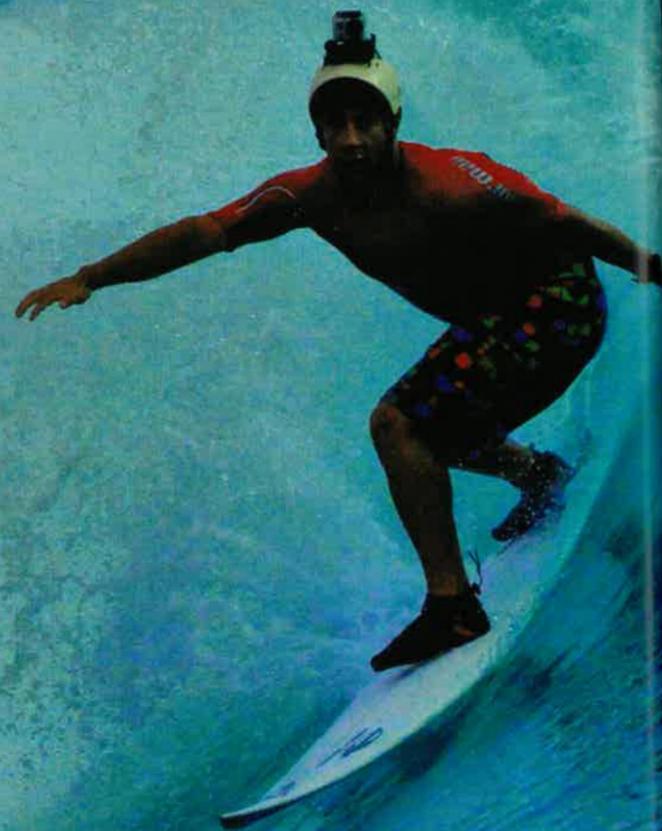


WWW.LEGENDSSK8.COM.BR

As grandes marcas que fizeram e fazem a história do skate estão oficialmente de volta ao Brasil. Acesso liberado!

Concept Store e Showroom: Av Dr. Guilherme Dumont Villares, 839 - Portal do Morumbi - Sao Paulo, SP - tel: 11 3739-2271 / 3739-3328





GRAJAGAN

por Sylvio Mancusi
fotos Mirko

COM SYLVIO MANCUSI E PAULO ZULU

Speedies em dose dupla: em trip para a Indonésia, tive o privilégio de surfar duas vezes a clássica sessão da esquerda de G-Land, que peguei funcionando pela primeira vez. Conhecida por seus longos tubos que podem durar até 20 segundos, Speedies é o sonho de qualquer surfista; a pérola negra da mística ilha de Java

Sylvinho testa a pista de G-Land

"Este lugar é tudo o que procuro. Trabalho muito, e este aqui se tornou o meu retiro espiritual, um lugar calmo no meio da mata javanesa; e claro, esta onda dispensa mais comentários." – Paulo Zulu

Em sentido horário: Paulo Zulu contempla G-Land;

Sylvinho rasga com estilo;

SNI desfruta da pérola de G-Land e Rafa pega o tubo da vida

Cheguei a Bali após uma longa viagem para o Hawaii e a Austrália. Estava em busca da verdadeira essência do surf, que para mim se resume em percorrer grandes tubos em companhia dos amigos. Temporada 2011. Pegamos duas ondulações com picos de 10 pés, direções de swell de sul e maré alta – condições perfeitas para G-Land, onda considerada por muitos a melhor da Indonésia e uma das melhores do mundo. Mesmo com quatro campings em funcionamento, os dias de maior lotação têm cerca de 150 pessoas em terra. Esse lugar também é muito procurado por famílias de surfistas que buscam um destino com mais estrutura para uma surf trip. Aqui, as opções de surf são múltiplas: temos Kong's (a primeira sessão de G-Land), Moneytrees (segunda sessão e o cartão de visitas do pico), seguida por Lanching Pad's e, nos dias clássicos, a terceira e melhor sessão da onda, chamada Speedies. Já havia ido para o local em duas ocasiões; surfei altas ondas, mas nunca havia surfado Speedies – o que, para muitos surfistas experientes, significa não conhecer o 'verdadeiro Grajagan'. Bobby Radiasa, proprietário do Bobby's Surf Camp, me explicou que, se eu quisesse surfar os tubos de Speedies, precisaria de um belo swell de sul – com angulação perfeita de 190° – e variação de maré entre 1.8 e 2.6. As outras sessões da onda funcionam com qualquer maré e swell. Afinal, esta é conhecida como uma das ondas mais constantes do mundo, pois se localiza em uma posição geográfica favorecida de Bali, que sempre recebe mais swells. Bingo. Os mapas da previsão batiam exatamente com as palavras de Bobby. Liguei para ele e reservei minha estadia por cinco dias. Cheguei ao camping um dia antes do swell, e para minha sorte havia apenas 25 hóspedes no local. Também tive a feliz surpresa de encontrar o modelo e surfista Paulo Zulu, que viajava acompanhado do seu irmão, Rafael Pires. Não conhecia Zulu nem Rafael pessoalmente, e foi um imenso prazer conviver com os irmãos, ambos excelentes surfistas. De acordo com Zulu, a trip para Bali foi seu presente de aniversário. "Querida me presentear de alguma maneira. Estava trabalhando demais, então convidei meu irmão para passar alguns dias na Indonésia. Mas quando cheguei a Bali e vi o crowd de Uluwatu, resolvi fugir para a selva. Depois que senti o astral de G-Land, a trip, que eu havia planejado para sete dias, terminou após 18. Este lugar é tudo o que procuro. Trabalho muito, e este lugar se tornou o meu retiro espiritual, um lugar calmo no meio da mata javanesa; e, claro, esta onda dispensa mais comentários." Mas, de nossas conversas, a que mais me impressionou foi a história de como ele se tornou modelo: "Tenho um amigo que é fotógrafo de moda, que sempre me falava que eu deveria tentar a

carreira de modelo, mas eu nunca dava bola. Um dia, cruzei com ele na rua. Seu carro havia acabado de quebrar. Dentro dele, uma modelo linda que ele iria fotografar. Na época, eu havia terminado um curso de mecânico, e parei para ajudá-lo. Consegui arrumar o carro, e ele não acreditou. Quando ele entrou no carro, olhou para mim e me deu um endereço; falou para eu aparecer em duas horas para fazer um book. Fui lá e fiz, e 15 dias depois cruzei com esse amigo bravo comigo: 'Caramba, deixei várias mensagens no seu celular. Tenho muitos trabalhos para você'. Acho que ele acabou anotando o meu número errado, mas foi assim que comecei minha carreira". Mas voltando a G-Land... No dia seguinte, lá estava materializado o sonho de qualquer aniversariante (surfista): séries de 6 a 10 pés bombando. Speedies já dava sinais de vida, mas a maré, ainda muito baixa, indicava que a melhor hora do mar seria das 14h00 em diante, com a maré cheia e mais água na bancada. Zulu e Rafa já haviam caído no mar logo cedo e acompanharam a chegada do swell. "Cáimos às 6h00 da manhã com pranchas pequenas. As ondas estavam com 6 pés, mas foram tomando volume a cada série. No final, acabamos arrastados para fora, tomando séries de 10 pés na cabeça." Fora d'água, acompanhando a ação a bordo de um barco, minha mulher e cinegrafista Bia Silveira registrava os melhores momentos. Junto a ela, o surfista sueco Mirko, outro hóspede do camping, fotografava a sessão. Pulei na água em êxtase. Em Speedies, tubos quadrados quebravam longos e perfeitos, se desmanchando a cada sessão. No outside, apenas 10 caras no pico. Cinco na sessão de Lanching Pad's, onde dropávamos a onda em direção a Speedies, e mais cinco cabeças para o inside, dentre eles três bodyboarders. Eu, Zulu e Rafa éramos os únicos brazucas. O que mais me impressionou foi ver a série entrando e poder escolher a dedo a minha onda, um privilégio que eu não tinha há muito tempo. Hoje o crowd tomou conta de todos os picos, e eu não acreditava que remava, quase sozinho, para minha primeira onda rumo a Speedies. Dropei calmamente. A onda me lembrou Sunset, só que para a esquerda. Passei pela famosa sessão de Lanching Pad's com minha 6'9" quadriquilha e dei duas rasgadas no olho da onda antes de chegar a Speedies. Coloquei para dentro no primeiro tubo – no final do 'túnel', avistava o barco com a

minha mulher. Fui para o segundo tubo. Passei quase por cima do Rafael, que havia pegado a primeira da série e gritava de emoção. Depois, coloquei na última sessão do tubo e já senti a baforada nas costas – terminava ali a minha primeira de muitas ondas em Speedies. Enquanto eu voltava para o outside, Zulu já vinha cortando ladeira abaixo com sua 6'6". Carioca que hoje mora na Guarda do Embaú (SC), Zulu mostrou talento e intimidade com as esquerdas. Rafa acabara de pegar sua segunda onda, segundo ele o melhor tubo da sua vida. "Eu já tinha vindo para Grajagan, mas não imaginava que surfaria em condições tão perfeitas. Esta segunda onda me preocupou. Ainda mais de backside. Nunca tinha surfado essa sessão antes. Fiz a curva e o tubo começou a rodar. A prancha foi derrapando e se encaixou no trilho. Foi instinto." Rafa já tentou a carreira de surfista profissional, mas Zulu explicou: "Às vezes o cara surfa muito, mas não tem talento para campeonatos e vice-versa. Você vê surfistas que nem têm tanto talento, mas que são competidores dedicados". Depois de um dia de muitos tubos, ao sair do mar, brindamos uma sessão épica de surf com cerveja gelada e vista para o pôr do sol. No dia seguinte, as ondas baixaram consideravelmente. Mesmo assim, surfamos altas ondas, que emendavam de Kong's até Lanching Pad's. Mas o que eu não acreditava é que o segundo swell, que entraria no dia seguinte, tinha exatamente a mesma direção e condições de maré que o primeiro. Fomos dormir cedo e, na manhã seguinte, acordamos com o mesmo visual. Entramos no mar às 15h00. Desta vez, sem fotógrafo – que havia ido surfar em 20/20, uma onda que quebra muito perfeita do outro lado da baía de G-Land, quando o swell está acima dos 6 pés. Ao chegar ao pico, Zulu surfou sua melhor onda da trip até o momento, com dois tubões na mesma onda. O primeiro, eu vi de camarote. No segundo, o máximo que consegui foi ver a camisa amarela fluorescente passando pelo tubo por trás da parede cristalina. Ele tinha achado sua 6'6" pequena, e não pensou duas vezes quando viu uma 6'9" à venda no camping: comprou na hora. "No primeiro swell, senti falta de uma prancha com mais remada, e esta prancha nova me deu o gás a mais que eu precisava. Aliás, eu dei muita sorte, porque ela é também muito boa." Em comparação com a primeira ondulação, esse swell tinha mais intervalos entre as séries, e a impressão que dava em Speedies era que uma onda engolia a outra. Encavalavam. Você vinha na onda; atravessava um bump – um degrau –, e ela jogava um tubo com crista dupla. Sensacional. Dose dupla de swell – encaixado – em Speedies. Saímos do mar extasiados, após mais uma sessão inesquecível. Demorei alguns anos para conseguir surfar Speedies, e agora tive o presente de fazer isso duas vezes seguidas. São esses os momentos que ficarão na nossa alma. Para a posteridade.

Na foto, Paulo Zulu acerta a base em G-Land; Zulu e Sylvinho; G-Land lines



"Já tinha vindo para cá algumas vezes, mas nunca tive a oportunidade de surfar Speedies. Agora, o sonho se realizou não apenas uma, mas duas vezes seguidas" - Sylvio Mancusi

A DESCOBERTA DE G-LAND

Há controvérsias quando o assunto é o descobrimento da mágica Grajagan, localizada na ilha de Java. A história mais famosa é a de que o havaiano Gerry Lopez, durante uma viagem de avião da cidade de Jakarta para Java, teria avistado linhas que pareciam ondas incríveis da janela do avião. Ele e o lendário surfista australiano Peter McCabe, com ajuda de alguns locais e amigos, teriam desbravado a maravilhosa onda que fica situada em um dos 50 parques ecológicos do país. Já a segunda história teve a oportunidade de checar pessoalmente. Foi o carioca Fabio "Mobral" de Biase, um dos brasileiros com mais horas surfadas na selva, que me apresentou para o dono e fundador do Bobby's Surf Camp, o primeiro camping de G-Land. Durante um almoço em Bali, o sexagenário e simpático Bobby Radiasa nos passou sua parcial sobre o assunto. Em 1974, segundo Radiasa, um empresário americano patrocinava alguns surfistas locais, entre eles Abdul Gani e o próprio Radiasa. A pedido de Abdul, o empresário concordou em bancar um barco que ficaria cerca de 15 dias no mar, em busca de novas ondas no litoral de Java. O barco, liderado por Abdul, ficou cerca de uma semana à deriva, em busca de um lugar com boas ondas. Quando a tripulação já pensava em voltar para casa, avistou o que hoje chamamos de G-Land. Esse nome, segundo Radiasa, tem uma origem interessante. Os surfistas, já desesperados depois de tanto tempo no mar sem encontrar nada de ondas, já haviam perdido a esperança, quando de repente deram de frente com a floresta e ondas perfeitas. O trocadilho compartilhado entre os tripulantes foi o mesmo: "Jesus, terra!" (em inglês: "Jesus, land!"). Em homenagem à baía onde desembarcaram próximo da onda, Grajagan, nasceu o nome G-Land ("Terra de G", de Grajagan). Ainda segundo Bobby, os locais passaram cerca de três anos surfando somente em companhia de mais alguns amigos, até convidarem Lopez e McCabe para compartilhar as ondas de G-Land. Hoje, Mobral é responsável por transportar os clientes do camping do Bobby's com sua lancha, de maio a setembro. Quando perguntei sobre os momentos históricos que ele presenciou em G-Land, ele citou dois, ambos nos anos 80. O primeiro foi quando Radiasa pediu que levasse Peter McCabe de Bali para G-Land. Gerry Lopez estava no camping e eles não se viam há anos. Ao chegar no pico, séries perfeitas de 8 pés quebravam na sessão mais clássica da onda, Speedies, com Lopez percorrendo seus tubos. Mobral deixou McCabe no outside, entre uma série e outra, e quando Gerry voltava de uma onda, seu amigo dropava outra. Foi um reencontro emocionante, segundo Mobral. Quem foi o brasileiro que mais o impressionou nos últimos 20 anos? A resposta veio fácil: Antônio Martins, o Lanzinho, o cara que passou mais tempo na selva e arrepiou na onda mais famosa da ilha de Java. Mobral também fez menção honrosa a Picuruta Salazar, lenda do surf brasileiro.



Swell
Neocycle 2.0
Gamboa NG

COLEÇÃO
VERÃO
2012

mormaii



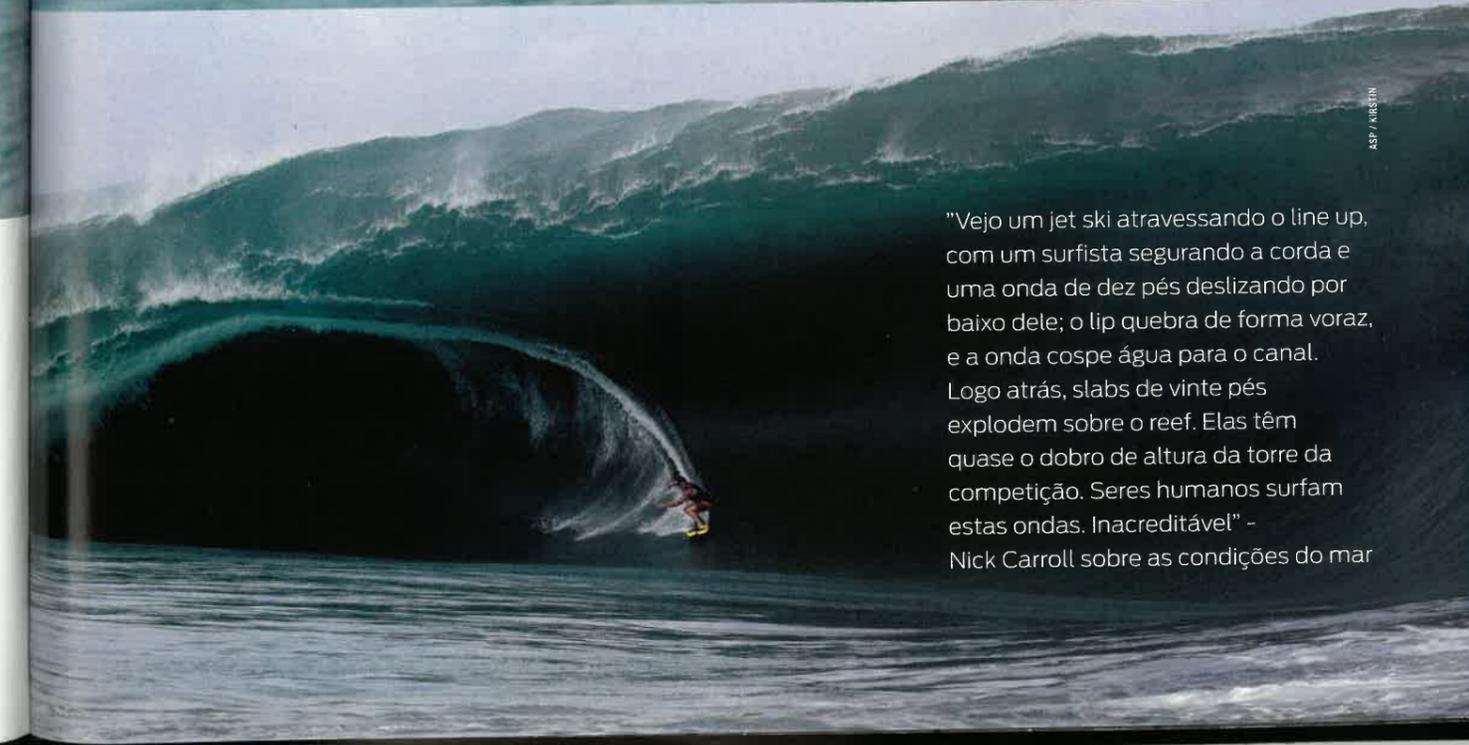
BELOVED TAHITI

TEAHUPOO EM LUA DE MEL

por Pedro Scooby
fotos Brian Biemann / ASP

Amado Tahiti. Eu estava em Bora Bora em minha lua de mel com minha gata, no maior amor, quando vivi um swell histórico em Teahupoo. Esses dias mudaram a minha vida.

Pedro Scooby no olho do furacão em Teahupoo



Everaldo Pato Teixeira também marcou presença no swell histórico de Teahupoo.

Na foto, Pato testa os limites do corpo e da mente humana.

Em sentido horário: do canal, galera assiste à fúria da natureza;

Felipe Cesarano prova do 'mel' de Teahupoo e Bruce Irons, que protagonizou uma das mais insanas performances do swell

Amado Tahiti. Eu estava em Bora Bora em minha lua de mel, no maior amor, quando vi que em poucos dias um swell histórico entraria em Teahupoo. Foi então que decidi abrir meus e-mails, e lá havia mensagens do Carlos Burle, me pilhando para pegarmos essas ondas e dar assim início ao projeto do filme Gigante por natureza. Claro que antes de partir precisava do apoio da minha esposa, Luana Piovani, pois afinal estava em plena lua de mel. Com a bênção dada, lá fui eu para Teahupoo em busca do meu objetivo de pegar as maiores ondas do planeta, e dar mais um passo em direção a ser um big-rider! Mesmo sem programação antecipada e tendo que agilizar tudo em cima da hora, consegui o jet-ski e a prancha graças à estrutura da Nike. E, aos 45 do segundo tempo, a Maya Gabeira me salvou com os foot-straps de tow-in. Tudo pronto! Eu na água, com o mestre

Carlos Burle na puxada. Primeira onda: Vaca! Segunda onda: larguei muito cedo, fiquei muito deep, vaca outra vez. E que vaca! Ainda levei uma série de quatro ondas na cabeça até ser resgatado. Depois disso, as ondas estavam tão fortes que o Raimana Bastolear foi até o pico e cancelou o tow-in por questões de segurança. Fiquei uma hora com a galera só assistindo àquelas ondas perfeitas e gigantes quebrando sozinhas. Liberado o pico, a galera foi chegando, e lá estavam os melhores do mundo de ondas grandes. Fiquei assistindo ao show dos brasileiros na água até o Burle poder me puxar novamente. Chegaria a minha hora! Após alguns minutos esperando a série, fui largado no que seria o maior tubo da minha vida. Não tinha ideia de quanto grande era aquela onda... Coloquei no trilho e, quando estava saindo do tubo, fui engolido por um spray muito forte. O mestre Burle me resgatou do perigo, e mesmo com escoriações subi no jet-ski e o abracei para agradecer o melhor e maior tubo da minha vida! Vivi um momento muito intenso com esse swell no Tahiti. Ao mesmo tempo que peguei essas ondas, fiquei sabendo que minha mulher estava grávida e explodi em alegria. Agradeço a Deus por essas conquistas. Viva o amor! Essa é a minha história, em um dos maiores mares já surfados em Teahupoo.

Pedro Scooby

"Vejo um jet ski atravessando o line up, com um surfista segurando a corda e uma onda de dez pés deslizando por baixo dele; o lip quebra de forma voraz, e a onda cospe água para o canal. Logo atrás, slabs de vinte pés explodem sobre o reef. Elas têm quase o dobro de altura da torre da competição. Seres humanos surfam estas ondas. Inacreditável!" - Nick Carroll sobre as condições do mar

BELOVED TAHITI

Beloved Tahiti: Pedro Scooby, em lua de mel com Teahupoo e Luana Piovani

Pedro Scooby: eleito o melhor surfeiro do Brasil, é o surfista mais disputado no mundo. Foi o primeiro brasileiro a disputar finais no XXL, o maior evento do mundo. Também foi o primeiro brasileiro a quebrar o recorde mundial de distância na surfista do Guinness Book na Praia de Teahupoo, com uma onda de 160 metros. Foi o primeiro brasileiro a quebrar o recorde mundial de distância no Tow in World, com uma onda de 160 metros. Foi o primeiro brasileiro a quebrar o recorde mundial de distância no Tow in World, com uma onda de 160 metros. Foi o primeiro brasileiro a quebrar o recorde mundial de distância no Tow in World, com uma onda de 160 metros.

BRIAN BELMANN



PEDRO SCOOBY

TNT Energy Drink Bullet. Energia concentrada para quem quer detonar.

TNT ENERGY DRINK



Chegou TNT Energy Drink Bullet: a bebida energética concentrada que é pura energia. Seu dia a dia pede por essa novidade. TNT Energy Drink Bullet. Beba e detone.

CRIANÇAS, NUTRIZES, GESTANTES E IDOSOS DEVEM CONSULTAR UM MÉDICO ANTES DO CONSUMO. NÃO MISTURAR COM BEBIDA ALCOÓLICA.

www.tntenergydrink.com.br

SUGESTÃO DE USO: DILUIR EM ÁGUA

KAUAI HOUSE

ARQUITETURA MODERNA NO HAWAII

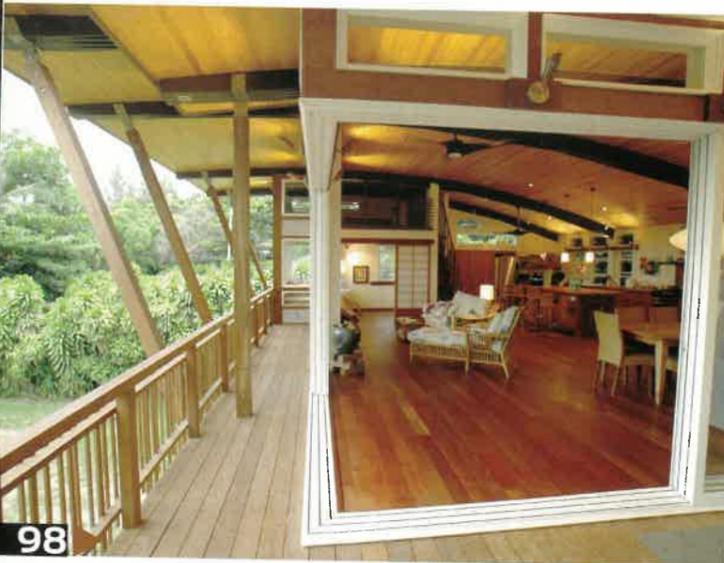
texto e fotos Jay Vanos

Planejada para ser um ambiente casual e incrivelmente elegante, a Kauai House é um deleite para os olhos, mas não apenas isso. Construída a partir de matérias-primas relativamente simples, seu acabamento é básico e de fácil manutenção. Para os donos, o mais importante era desfrutar de uma casa sem grandes preocupações. Por exemplo, o uso de ar-condicionado ou aquecedor é totalmente dispensável. E poucos metros separam a varanda da cênica praia de Tunnels, que abriga ondas de primeiríssima classe, além de ser referência mundial para a prática do mergulho esportivo e de lazer.





"A Kauai House foi planejada para ser muito casual, mas é surpreendentemente elegante. A intenção dos donos era desfrutar da casa sem ter grandes preocupações. Os acabamentos são todos básicos, escolhidos por sua capacidade de evitar danos ou serem de fácil manipulação" - Jay Vanos



A Kauai House é uma casa tropical, projetada especialmente para um casal de amigos que conheço há algum tempo. A esposa queria uma casa pequena – mas nem tanto, aconchegante, tropical, moderna e bem acabada. O terreno da casa foi arrasado por um furacão – o Iniki – nos anos 80. E seus donos, apesar de serem apaixonados pela ilha de Kauai, não são surfistas nem praticantes de esportes aquáticos, mas têm um filho que surfa, e bem. É aí onde tudo começa... A propriedade fica a uma breve caminhada da praia de Tunnels, no North Shore do Kauai, um pico de surf de qualidade e também reduto de mergulhadores de todo o mundo. A casa está localizada não próxima da praia propriamente dita, que luta contra a erosão de suas margens e encostas. Fica 300 metros para o interior, do outro lado da avenida, um pouco fora do calor das areias. É uma área bastante isolada. E o andar de cima tem uma linda vista para Makana [famoso pico de montanhas que virou cartão de visitas de Kauai e ganhou fama após o filme *South Pacific*, que retratou as montanhas como a exótica e proibida ilha de Bali Ha'i, nome que ficou eternizado]. A elevação da estrutura da construção foi feita de forma proposital em acato a uma lei imposta pelo governo do estado do Hawaii, que exige determinada altura como proteção contra os tsunamis. Contudo, em contraponto à administração, os moradores locais dizem que tal exigência é pro forma, pois não há estrutura que suporte um forte maremoto. Enfim... A madeira empregada no interior, e em grande parte do exterior, é o ipê brasileiro, muito pesado e duro ao corte, características que lhe conferem alta durabilidade. Nas partes externas foi utilizada uma chapa de concreto que praticamente dispensa manutenção e é impermeável, não se deforma e não corre o risco de mofo por causa da maresia. No interior, o teto é feito de madeira de cipreste que provém dos pântanos do sudeste dos EUA, é muito durável e de fácil manutenção. O piso também é feito de ipê. Os armários são de cerejeira havaiana – madeira marrom-avermelhada de textura fina e muito dura, diferente da cerejeira encontrada no Brasil – e o teto, de mogno, madeira pesada e espessa, de textura macia e cor avermelhada.



NEW ADVANCE

Pranchas de Surf | Funboards Longboards | Stand Ups

Shapers: Marcelo Carneiro,
Luiz Juquinha e Neco Carbone

Equipe: Picuruta Salazar, Leco Salazar
Matheus Salazar, Renato Wanderley,
Théo Cabeleira, Edgar Groggia



13 3464.5080 | 13 3464.4410 | ID 80*60181 |  
www.newadvance.com.br | prancha@newadvance.com.br



“É uma casa extremamente confortável. Dispensa o uso de ar-condicionado ou aquecedor. Surpreendentemente, a maioria das casas de alto padrão por aqui tem ar-condicionado, algo que seria totalmente dispensável caso seus designs fossem planejados de acordo com o clima da região e seu comportamento” - Jay Vanos

TELHADO: DESIGN ESPECIAL

O telhado tem alguns objetivos. Ele se abre em direção à paisagem e torna o espaço dinâmico, com uma seção mais baixa e outra mais alta, a qual transforma a sala de estar em algo maior e sem quebras. Em contrapartida, a cozinha e a sala de jantar estão na porção mais baixa. A escala utilizada é proposital, e reflete diretamente no uso da área. Tecnicamente, o telhado tem uma função muito importante. O lado mais alto cria uma área de baixa pressão, que puxa o ar para dentro da casa, em vez de bloqueá-lo. Isso permite controlar a circulação com muita precisão. Em uma explicação mais detalhada, o que acontece é que a porção mais baixa do telhado está na direção da onde vêm os ventos alísios. Entretanto, essa não é a maneira ‘natural’ em que o telhado estaria posicionado. Normalmente, a parte mais alta do telhado seria a porta de entrada para os ventos, assemelhando-se a uma concha para captar o ar, mas que deixaria o ambiente sem o controle da força nem da quantidade de ventilação. Quando o telhado está ‘virado’ com a menor parte para onde entra o vento, consegue-se ser muito mais preciso no controle. Além disso, o telhado encurvado leva toda água da chuva para o quintal, onde ela rapidamente escoar para um rio, no caso desta casa no Kauai, foco desta reportagem. Isso mantém a casa livre de pingos d’água até mesmo quando está chovendo – o que significa quase sempre, considerando que essa é uma das regiões mais úmidas do planeta. A Kauai House foi planejada para ser muito casual, mas surpreendentemente se tornou naturalmente elegante. Nada muito detalhista. Aliás, de fácil manutenção. A intenção dos donos era desfrutar da casa sem ter grandes preocupações. O acabamento é todo básico, escolhido por sua capacidade de evitar danos e por ser de fácil manipulação. É uma casa extremamente confortável. Dispensa o uso de ar-condicionado ou aquecedor. Normalmente, a maioria das casas de alto padrão de Kauai tem ar-condicionado, algo que seria totalmente dispensável, caso o design delas fosse mais atencioso ao clima e seu comportamento. Bem, essa é uma das minhas características. Fico feliz por mais esta publicação na ALMA SURF. Espero que gostem. Thanks! 🍹

www.vanosarchitects.com/

BR PETROBRAS
APRESENTA

CAMPEONATO BRASILEIRO
WAKE SURF 2011
mormaíi

29 E 30 DE OUTUBRO
MORMAII SURF BAR PONTÃO DO LAGO SUL BRASÍLIA DF
WAKESURF NACIONAL OPEN
WAKESURF NACIONAL FEMININO OPEN
WAKESUP - PRANCHA DE STAND UP COM REMO

REALIZAÇÃO

MOVIMENTO dos



SEM praia

INFORMAÇÕES

www.movimentodossempraia.com.br

T_(61) 9249 8733



Praia
SKOL

APRESENTA

ETAPA MUNDIAL DE VÔLEI DE PRAIA

10 E 11 DE DEZEMBRO - PARQUE DO IBIRAPUERA - SÃO PAULO

PATROCÍNIO



OAKLEY

almasurf

PATROCÍNIO DE MÍDIA



ESPN
BRASIL

92.5 FM

almasurf.com

10 E 11 DE DEZEMBRO - PARQUE DO IBIRAPUERA - SÃO PAULO
O PARQUE DO IBIRAPUERA VAI VIRAR PRAIA, VAI VIRAR QUADRA DE VÔLEI DE PRAIA

AS MELHORES DUPLAS MASTER DO BRASIL E DO MUNDO VÃO DAR UM SHOW DE ESPORTE
VENHA CURTIR A PRAIA NO CORAÇÃO VERDE DE SÃO PAULO. ENTRADA FRANCA!

Informações: www.almasurf.com • mastervoleidepraia.com.br

APOIO



SECRETARIA DE
ESPORTE, LAZER E JUVENTUDE

GOVERNO DE
SÃO PAULO



EARTH WAVE A ONDA GLOBAL

FESTIVAL DE SURF ECOVIAS

por Rico de Souza
fotos Gustavo Oliveira

Me orgulho muito de poder organizar
anualmente o Festival de Surf Ecovias, que já
acontece há 5 anos no Quebra-Mar de Santos.

Este evento é bem diferente dos campeonatos tradicionais. O festival possui uma preocupação com o meio ambiente e está ligado ao EarthWave, ou Onda Global, que é realizado simultaneamente em diversos países para chamar a atenção do mundo quanto às causas do aquecimento global. A ideia é sempre colocar o maior número de surfistas na mesma onda para que o recorde mundial seja quebrado e homologado no Guinness World Records, o livro dos recordes mundiais. Outro fator que contribui para o sucesso do Festival de Surf Ecovias é a premiação aos atletas, que foi de R\$ 30.000 reais, sendo R\$ 25.000 na categoria longboard masculino e R\$ 5.000 na categoria longboard feminino, o que fez com que longboarders do Brasil inteiro se encontrassem no litoral santista. Mas a parte importante de todo o Festival de Surf Ecovias não é a etapa do circuito brasileiro de longboard ou o recorde mundial, e sim a postura ecológica e as ações ambientais que acontecem paralelamente ao evento, para mostrar ao público presente a necessidade de preservar o nosso planeta. Neste ano, foram distribuídas 2.500 mudas nativas de espécies da Mata Atlântica para que o público participante pudesse tomar consciência ecológica e ajudar o litoral santista com o plantio. O Festival de Surf Ecovias já virou tradição entre a comunidade de surfistas do litoral santista, e este ano entrou de vez no calendário oficial dos eventos da cidade, o que vai fazer com que o encontro ganhe ainda mais força após esses últimos 5 anos de sucesso. O EarthWave em Santos é muito mais do que um campeonato de surf que promove a tentativa da quebra do recorde mundial – agora já incorporou a sentimentos dos moradores e surfistas da cidade de Santos. Todas as famílias da comunidade vão ao Quebra-Mar para curtir a competição e participar da tentativa de quebra do recorde. Até o Prefeito da cidade, o Papa, o secretário de Esportes, Paulo Musa, e também várias autoridades e personalidades de Santos estiveram presentes. Mas existe um santista em especial que sempre me ajuda muito no Festival de Surf Ecovias, e eu não posso deixar de citá-lo, o meu grande amigo Picuruta Salazar, decacampeão brasileiro de longboard e realizador, que me dá força total. Nunca vou esquecer do que ele me disse nesta última edição do evento com muito orgulho: “Nunca vi o Quebra-Mar de Santos tão cheio assim em toda a minha vida”. São detalhes como esses que fazem a diferença para a rapaziada do surf, que é fanática pela confraternização da tribo em busca das melhores ondas. E por falar em ondas, foram de ótima qualidade durante toda a competição, e os atletas puderam realmente mostrar seu potencial, dando show de surf nas direitas quilométricas do Quebra-Mar. Muitas ondas foram surfadas, manobras foram executadas, e inclusive aconteceu um fato inédito para todos os atletas que já disputam o circuito brasileiro de longboard há um bom tempo. Pela primeira vez na história do circuito, um atleta conseguiu registrar duas notas 10 durante a bateria, encerrando a disputa com uma participação perfeita, com o máximo de 20 pontos de somatório. O nome dele é Roger Barros, longboarder carioca que saiu vitorioso do evento. Gostaria de agradecer de coração a todas as pessoas da minha equipe e também da cidade de Santos que colaboraram para este evento, como o prefeito de Santos, João Paulo Tavares Papa; o secretário de Esportes de Santos, Paulo Musa; o diretor presidente da TV Tribuna, Roberto Santini; e o nosso patrocinador pelo 5º ano consecutivo, a Ecovias. O Festival de Surf Ecovias em Santos é de muita importância para ajudar a preservar o nosso planeta com a qualidade de vida do surf.

Ano que vem tem mais!
Aloha e boas ondas,
Rico de Souza



Praia
SKOL

APRESENTA

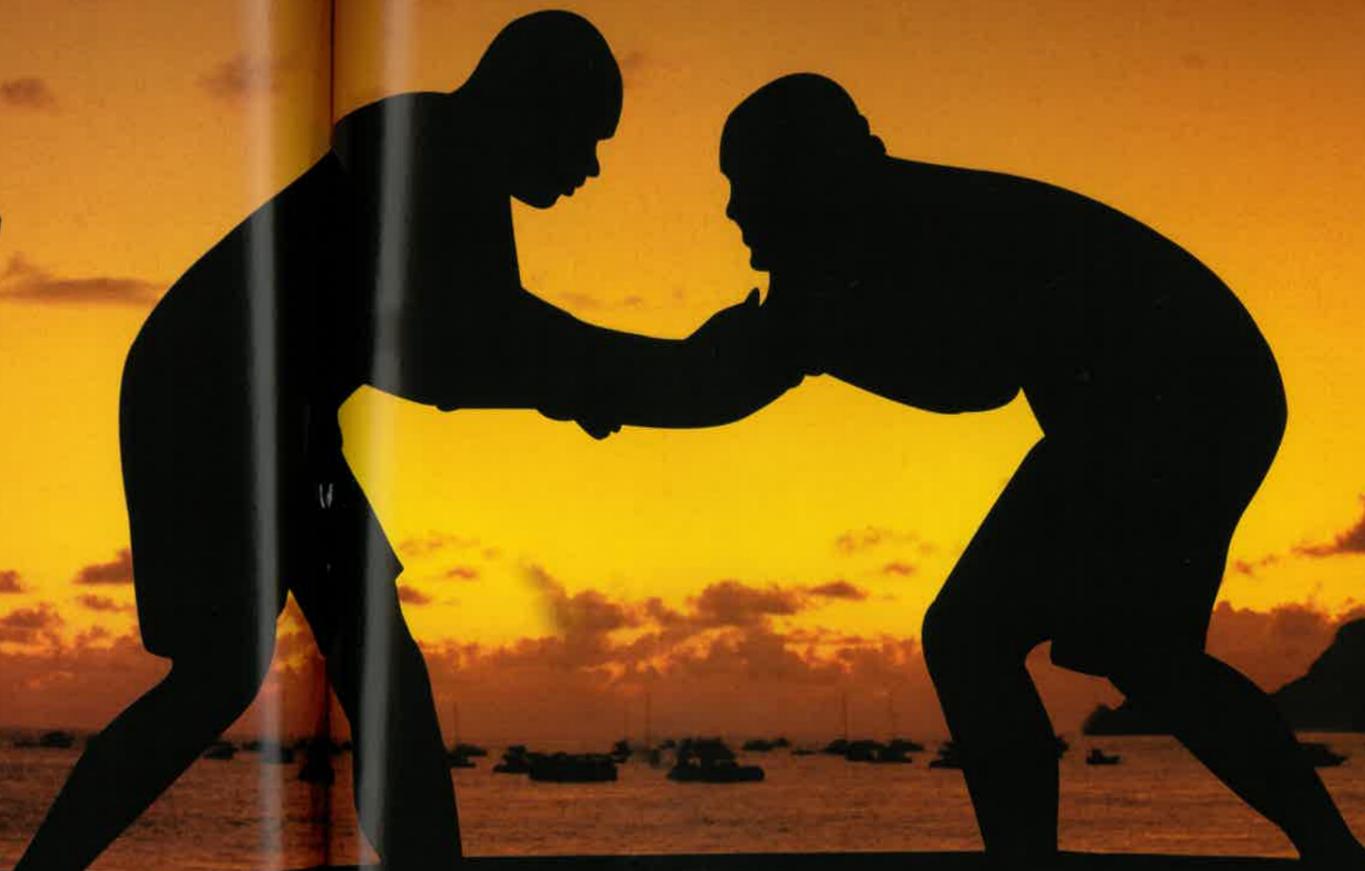


**PROJETO
LUTA DE PRAIA**

PATROCÍNIO



almasurf



**AS AREIAS DAS PRAIAS VÃO TREMER
COM AS ONDAS DO PROJETO LUTA DE PRAIA. PREPARE-SE!**

5 E 6 DE NOVEMBRO DE 2011 . SANTOS (QUEBRA-MAR)

12 E 13 DE NOVEMBRO DE 2011 . GUARUJÁ (ENSEADA)

19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2011 . SÃO SEBASTIÃO (MARESIAS)

PATROCÍNIO DE MÍDIA

TATAME

PREMIERE
COMBATE



FM
92,5

almasurf.com

APOIO



PREFEITURA DE
SANTOS



SECRETARIA DE
ESPORTE, LAZER E JUVENTUDE

GOVERNO DE
SÃO PAULO

UMA NOVA MODALIDADE DE LUTA NAS PRAIAS DE SÃO PAULO
QUALIFYING COM MAIS DE 64 ATLETAS, POR CATEGORIA. GRANDE FINAL EM MARESIAS
CLÍNICAS DE INICIAÇÃO À LUTA E CONDICIONAMENTO FÍSICO DE GRAÇA!

Informações: www.almasurf.com • projeto lutadepraia.com.br

Barraca Rico Point, estrategicamente posicionada na praia da Macumba,
Local de surfistas e de bem-estar na orla do Rio de Janeiro.
Respeito, preservação e convívio saudável com a praia e o mar é um dos princípios do negócio

DNA

por Rico
de Souza

OS MELHORES DA PRAIA 2011

Quem são os melhores?

Aloha amigos! Quem são os melhores da praia? Essa é a pergunta que a ALMA SURF lança anualmente ao final de cada temporada. Desta vez o prêmio será lançado no site... Mas eu já adianto a pergunta: E pra você, quem são?

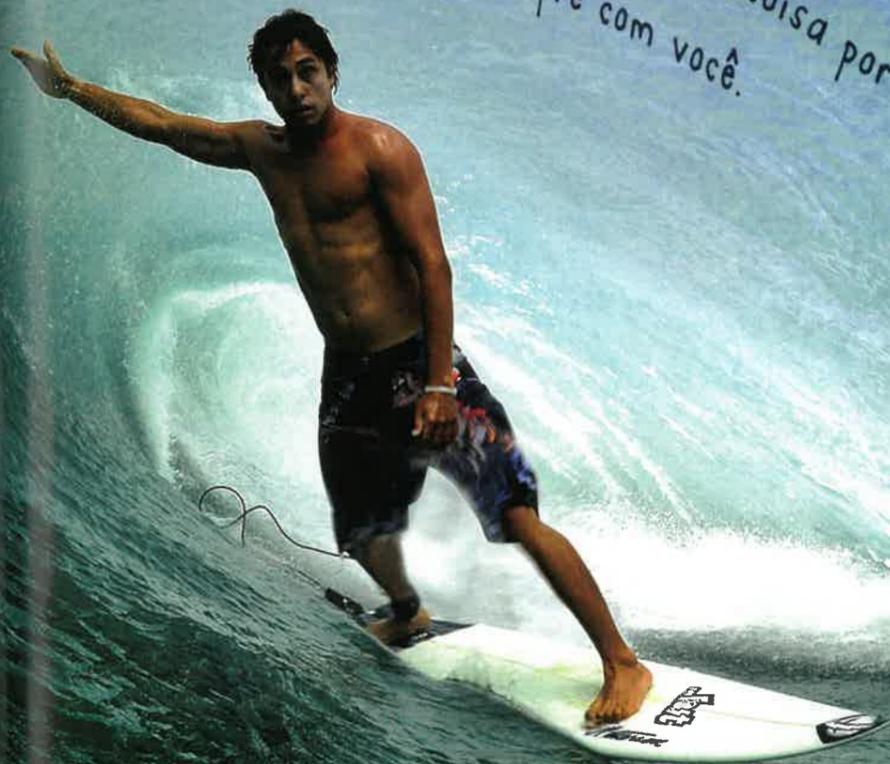
Os melhores da praia são os surfistas que têm boas atitudes com o meio ambiente e principalmente com a praia, que é a nossa casa, lar e local onde surfamos com a família e os amigos. É de grande importância preservá-las, as praias, dentro e fora d'água. Essas atitudes são muito importantes e dependem diretamente de cada um de nós. Há cerca de 15 anos realizei com Abílio Fernandes o primeiro projeto de preservação da vegetação nativa das praias do Rio de Janeiro, onde cuido das áreas da minha escola de surf na Barra da Tijuca e na praia da Macumba, no Recreio dos Bandeirantes. Na época, biólogos selecionaram as espécies de mudas nativas, e, em parceria com a prefeitura do Rio e a Secretaria do Meio Ambiente, tivemos a ajuda de muitas crianças das escolas municipais para fazer o replantio e cercar a vegetação costeira entre a areia da praia e o calçadão, fazendo todas as passagens para o acesso ao mar.

Essa iniciativa deu tão certo que hoje em dia existem mais de 50 projetos parecidos como esse estendidos por toda a orla do Rio de Janeiro. Me sinto muito orgulhoso em ter plantado a semente desse projeto de preservação, porque deu certo e inspirou outras ações. É por isso que costumo dizer que é nas nossas praias, sejam no Sul, Sudeste, Nordeste ou em qualquer lugar do território brasileiro, que nós, surfistas e amantes de outros esportes, vivenciamos os melhores momentos de nossa vida. Aliás, deveria ser assim no mundo inteiro. Momentos esses que, seja surfando os melhores tubos, pescando, jogando futebol ou nos divertindo com os amigos, são simples. Porém, são esses os momentos simplesmente verdadeiros e únicos, e que nunca se apagam da memória e nos fazem viver para sempre. Portanto, faço questão de dizer que o melhor surfista de uma praia não é aquele que pega todas as ondas e arrepiando dando um show de surf. É sim aquele que age com atitudes positivas em prol da praia e do oceano. É justamente o respeito pelo mar e pelo meio ambiente que faz de nós, surfistas, uma tribo muito privilegiada e com um feeling especial.

O melhor surfista de uma praia não é aquele que pega todas as ondas e arrepiando dando um show de surf. O melhor surfista é aquele que age com atitudes positivas em prol da praia e do oceano. É justamente o respeito pelo mar e pelo meio ambiente que faz do surfista um ser muito privilegiado. O mar é uma fonte de sabedoria que ensina, a cada onda, ter humildade e entender as mudanças da vida.

O mar é uma fonte de sabedoria que nos ensina, a cada onda, a ter humildade e entender as mudanças da vida. Fica aqui um grande abraço a toda a rapaziada do surf. Vamos continuar com as nossas missões de preservação das praias!
**Aloha e boas ondas,
Rico de Souza**

Há 11 anos estamos todos os dias junto com você e sempre buscamos cada vez mais te oferecer o melhor conteúdo. Nesses 11 anos já publicamos mais de 15.000 matérias, 350.000 boletins de todo o litoral brasileiro, mas ainda tem muita coisa por vir. ricosurf.com 11 anos sempre com você.



Rico surf.com
Sua onda começa aqui

Anuncie no Ricosurf.com e fale com 650.000 visitantes mensais.

ricosurf@globo.com

(21) 2438-4096 / 2438-1821



Surfar é tudo de bom!
 Água salgada, praia, sol, natureza, independência, amizade, adrenalina, desafio, aprendizado.
 Vá para o mar. – Taiu Bueno

SURF ETERNO

Taiu Bueno

OS MELHORES DA PRAIA SÃO OS SURFISTAS

Aloha surfistas!

Vamos todos pra dentro do mar, que lá somos os melhores...

O melhor do surf

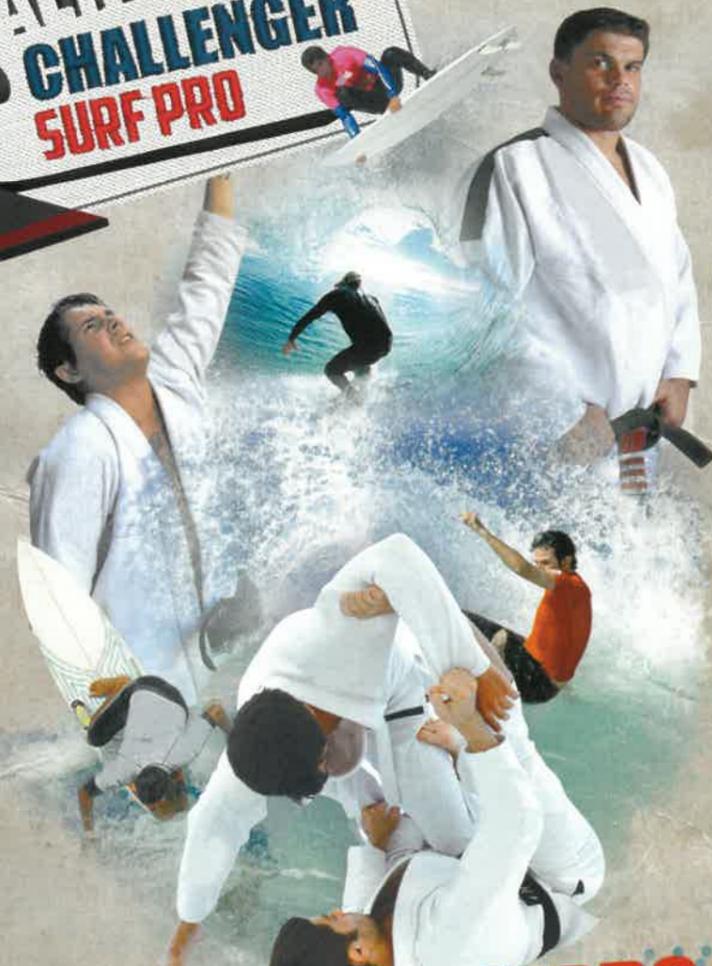
Quando comecei a surfar, o que chamava mais a atenção era ver nas revistas gringas – ainda não existia nenhuma revista brasileira – fotos dos surfistas entubando com aquela plástica onda em sua volta. Eu ficava tão maravilhado com aquelas imagens que sonhava acordado com o dia em que poderia viver entocado numa caverna aquática. Naquela época, ainda criança e apesar de nem frequentar muito a praia – sou natural de São Paulo, capital –, eu já pirava com esse universo cilíndrico. O tubo com certeza é o melhor do surf e uma experiência única. Ao contrário do que o capitão Nascimento dizia no filme Tropa de elite – ‘o tubo’: “Sempre foi, sempre será!”. E eu peguei meu primeiro tubo depois de um ano de surf... Era a segunda temporada de verão que eu passava na praia, nesse mesmo Guarujá em que vivo até hoje, e todo dia era uma média de 7 horas de surf, dentro d'água, até sair roxo e com insolação. Eu lembro direitinho como aconteceu. Foi num dia de vento leste no Guarú, numa direita linda e com terral soprando justo, o que deixava a ondulação perfeita e tubular para o surf na praia do Guaiúba. Depois dessa experiência tubular, no feeling de verdade, um moleque empolgado como eu... Conte a história dessa onda por semanas...

É engraçado e até chato quando alguém fica pendurado em sua orelha contando da onda que pegou no final de semana. Hoje eu entendo e compreendo que justamente o ‘melhor do surf’ está na empolgação do surfista. A verdade está no grito que não conseguimos conter ao ver uma onda insana, um tubo quebrando ou uma manobra absurda... É impressionante como um surfista fica diferente depois de pegar altas ondas num dia de boas paredes, manobras e tubos. Completamente, como o humor muda, transforma a feição e o comportamento. Os mais agradecidos surfistas são os que não deixam o ego se exaltar só porque pegaram altas ondas e se divertiram. Caras que ficam mais evoluídos, mais gente fina. O surf com ondas perfeitas é só um dos presentes que recebemos de Deus durante a vida. Presente, uma graça que, exatamente, é ‘de graça’. Um prazer sem motor, sem gasolina, sem pagar teleférico, sem depender de ninguém. O surf só precisa usufruir de uma parte da tão linda e energética natureza: o oceano. Passear por dentro de uma onda, ou seja: pegar um tubo – é algo impossível de descrever. Momentos de interação com a onda que elevam a outro nível o conceito sobre os valores. Algo tão bom e sem custo, que quase não faz sentido dentro de um mundo tão materialista.

Eu lembro direitinho como aconteceu. Foi num dia de vento leste no Guarú, numa direita linda e com terral soprando justo, o que deixava a ondulação perfeita e tubular para o surf na praia do Guaiúba. Depois dessa experiência tubular – de pegar um tubo, no feeling de verdade, um moleque empolgado como eu... Conte a história dessa onda por semanas...

Pode-se talvez ter todo o dinheiro do mundo e nunca vivenciar um tubo, que um ogro nativo de alguma ilha distante pega todo dia. E aí vem a pergunta: O que nos faz realmente felizes? Surfar é tudo de bom! Água salgada, praia, sol, natureza, independência, amizade, adrenalina, desafio, aprendizado. Pegue um tubo, transforme sua vida!

Aloha, Taiu



5 DE NOVEMBRO DE PRAIA DE MARESÍAS

EVENTO: DIA 5 DE NOVEMBRO, INÍCIO À 8 HORAS
LOCAL: ENTRADA DO MASULLO Nº 20, MARESÍAS

Categorias: Black Belt Pranchinha • Black Belt Longboard • Open Class Pranchinha (faixa azul à marrom) • Marchall Pranchinha (somente policiais) • Open Local Pranchinha (somente moradores de Maresias)

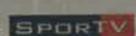
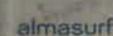
Inscrições: a partir de 17 de setembro

Informações: www.camp-sp.org – tel.: 3082-3938

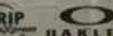
PATROCÍNIO:



DIVULGAÇÃO:



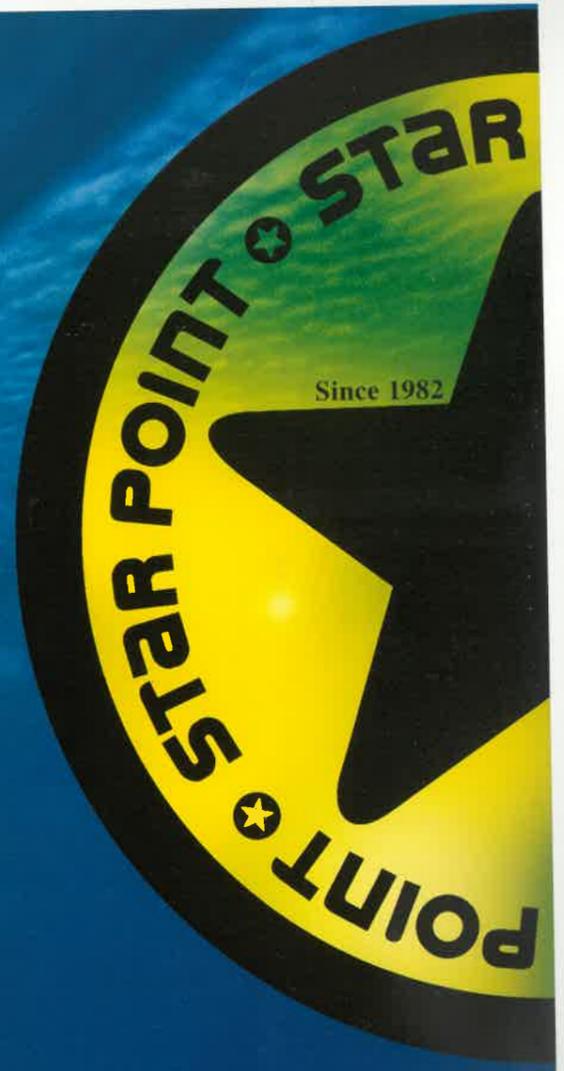
APOIO:



STAR POINT FOR REAL SURFERS

 www.facebook.com/starpointoficial

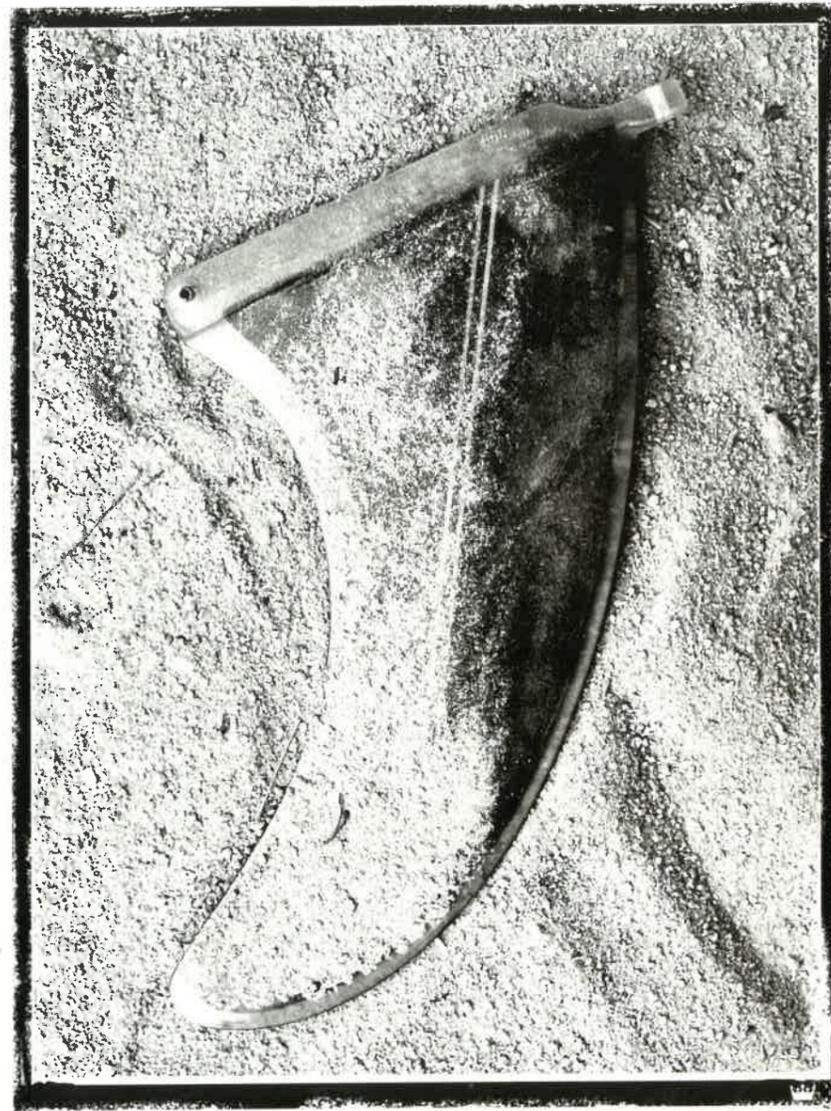
 www.twitter.com/_starpoint



Lojas Star Point

SP: Flagship moema - Novas Lojas: sh. park são caetano • sh. mooca
sh.eldorado • sh.villa-lobos • sh.morumbi • sh.granja vianna • sh.bourbon • sh.mais largo 13
sh.dom pedro campinas • sh.iguatemi campinas • sh.colinas são José • sh.mogi • guarujá • sh.litoral plaza praia grande
PR: sh.palladium curitiba • maringá park.sh - SC: ericiúma • sh.iguatemi Florianópolis • garten.sh Joinville
DF: sh.brasília - RJ: barra.sh • norte.sh • sh.leblon • sh.plaza niterói
loja virtual: www.starpoint.com.br • franquias 11 5053.4365





OSKLENSURFING